

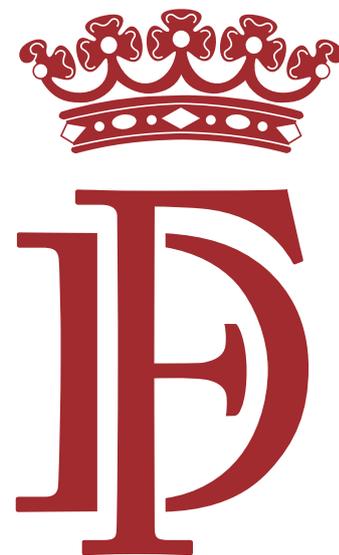
CORREIO REAL 28

Boletim da Causa Real produzido pela Real Associação de Lisboa

NOVEMBRO 2023



Mafra
7.10.2023
Casamento Real







Por ocasião do Casamento Real da Infanta Dona Maria Francisca de Bragança com o Sr. Dr. Duarte Martins, é com grande alegria que a Fundação Gaudium Magnum - Maria e João Cortez de Lobão deseja aos noivos as maiores felicidades e bênçãos do Céu.

No projecto museológico "O Belo, a Sedução e a Partilha" estabelecido entre a Fundação e o Museu Nacional de Arte Antiga, é agora apresentado o tríptico "Virgem com Menino ao Colo e Santos" de Ventura di Moro, pintor florentino do século XV. A obra exhibe uma mistura de elementos arcaicos e tardogóticos com influências mais modernas, especialmente em termos de formas plásticas. A sua atenção à cor e aos detalhes é notável. Rara obra da Fundação Gaudium Magnum que o MNAA expõe até 7 de Janeiro 2024.

info@gaudiummagnum.org
+351 218 075 070
Rua de São Bernardo, 31 R/C
1200-823 Lisboa

FUNDAÇÃO
 gaudium
magnum
MARIA E JOÃO CORTEZ DE LOBÃO

Foi inesquecível o casamento da Infanta Maria Francisca com Duarte de Sousa Araújo Martins que juntou no Terreiro Dom João V, em Maфра, a nossa Casa Real com a população que acorreu em grande número para assistir à colorida festa, pintada de azul e branco. A Real Associação de Lisboa orgulha-se de ter integrado uma equipa de sonho e ajudado a escrever esta página para a história da Casa de Bragança e de Portugal. O acontecimento, que antecipadamente obteve grande projecção na rádio e nos jornais, transmitido em directo, foi o programa mais visto da televisão portuguesa, com 9% de audiência média e 26,8% de share, chegando a ter uma vantagem de mais de 20 pontos percentuais sobre o segundo. Nos dias seguintes, os ecos não se fizeram esperar, com os jornais e revistas, nacionais e estrangeiros, a assinalarem com merecido destaque em profusas reportagens fotográficas uma das mais bonitas festas de família que nos foi dado testemunhar. Uma festa da família portuguesa.

O impacto mediático do primeiro casamento real em 28 anos proporcionou uma enorme projecção da nossa querida Família Real. Sem qualquer reconhecimento protocolar pela república, nem funções institucionais atribuídas pelo Estado, estas são oportunidades raras em que a grande maioria dos portugueses, pessoas comuns sem ligação ao movimento monárquico, podem conhecer, rever, admirar, deixar-se cativar pela simpatia e sentido de serviço da nossa Família Real. Mesmo sabendo nós, que ela não se poupa, com o apoio das Reais Associações e outras entidades, a percorrer e visitar os mais recônditos recantos do nosso Portugal, sempre longe dos holofotes, mas ao encontro dos portugueses. O reconhecimento e entusiasmo gerado por este evento deveria inspirar os monárquicos de serviço a aproveitar a onda e intensificar o seu trabalho de divulgação dos fundamentos doutrinários, históricos e políticos que sustentam a nossa Causa. Jamais haverá Causa sem a Família Real.

“No passado dia sete foi lembrado ao país o quanto se pode orgulhar da sua Família Real.”

Muito caminho se tem feito apesar das espinhosas contrariedades que os resilientes monárquicos portugueses enfrentam desde 1910, quantas vezes na clandestinidade. Também há que prestar homenagem aos nossos Príncipes que, com limitações de toda a ordem, do exílio ao banimento, enfrentando o silenciamento pela vitoriosa mentalidade ressabiada ou por jogos políticos obscuros, conseguiram fazer chegar a esperança aos nossos dias. Esperança numa instituição com oitocentos e oitenta anos, que moldou Portugal. Foram resistentes, persistentes, modelares, exemplares, sempre servindo a nossa Pátria. No passado dia sete foi lembrado ao país o quanto se pode orgulhar da sua Família Real.

Neste número, uma edição de luxo que com especial esmero dedicamos ao Casamento Real em Maфра, queremos sobretudo agradecer e homenagear os noivos, Maria Francisca e Duarte, pela coragem de assumirem com um luminoso sorriso o exigente papel que lhes está destinado. Um papel de Príncipes de carne e osso a servirem a Nação numa república aziaga que tarda em olhar-se ao espelho. Mas com um Povo capaz de ser nobre quando, olhos nos olhos, consegue surpreender pela positiva e sempre na hora certa, pela afabilidade e coragem. Que essa motivação vos inspire sempre, pois nós, e outros depois de nós, estaremos cá para suavizar o vosso ousado empreendimento.

Votos de felicidades e muitos parabéns, Deus vos Guarde, Maria Francisca e Duarte.

João Távora
Director e presidente da Direcção da Real Associação de Lisboa



O CORREIO REAL É O BOLETIM MONÁRQUICO DA CAUSA REAL PRODUZIDO PELA REAL ASSOCIAÇÃO DE LISBOA

Praça Luís de Camões, 46, 2.º Dto.
1200-243 Lisboa

Atendimento de segunda a sexta-feira,
das 11 às 14 horas

Telef: [+351] 21 342 8115/21 342 9702

Email: secretariado@reallisboa.pt

Todos os números do boletim em pdf em:
www.reallisboa.pt

Real Associação de Lisboa



CORREIO REAL

Direcção e coordenação: João Távora

Redacção: Alberto Miranda, João Vacas, João Távora, Pedro Velez, Carlota Cambournac (revisão final)

Design e edição: Ana Olivença

Direcção de Fotografia: Nuno de Albuquerque

Produção: Sinapse Media

Impressão: Nova Gráfica do Cartaxo

2300 exemplares

Isenta de Inscrição na ERC ao abrigo do Decreto Regulamentar 8/99 de 9 de Junho, artigo 12.º, n.º1, alínea a)

Foto de capa © Nuno de Albuquerque



Pedro Quartin Graça
Presidente da Direcção
Nacional da Causa Real

Casamento Real – Um hino à liberdade

Numa entrevista dada a um conhecido apresentador televisivo dias antes do casamento, a Infanta Maria Francisca de Bragança respondeu a uma pergunta sobre qual dos dois bolos que iriam ser servidos considerava ser o mais importante. E, de forma desarmante e ao mesmo tempo reveladora de uma grande espontaneidade, afirmou que seria o primeiro, aquele que seria servido à população que se deslocasse a Maфра para, ainda que do lado de fora, assistir ao seu casamento. E assim aconteceu. Logo após a saída da igreja o primeiro gesto dos noivos foi o de se dirigirem aos milhares de pessoas que se encontravam na praça frontal ao palácio para com elas conviverem, cortarem o bolo e o distribuírem a todos. Só depois disso iniciaram o convívio com os outros convidados.

Tratou-se de um comportamento absolutamente inédito em República, regime que ao longo de mais de 100 anos, se revela sistematicamente incapaz de se relacionar com a população a não ser nos momentos de voto. Mas esta atitude, já de si grande, revela também o enorme legado por si recebido dos seus pais, tanto no que à educação se refere, como à simplicidade que coloca em todos os seus gestos, reveladores de

“ Maria Francisca de Bragança teve também a felicidade de encontrar no seu noivo Duarte uma pessoa à altura do seu legado para, juntos, contribuírem para o engrandecimento de Portugal e da defesa dos valores Pátrios.

um grande amor a Portugal e aos portugueses.

Maria Francisca de Bragança teve também a felicidade de encontrar no seu noivo Duarte uma pessoa à altura do seu legado para, juntos, contribuírem para o engrandecimento de Portugal e da defesa dos valores Pátrios e da Independência. Uma defesa que passa, nos atribulados tempos que correm, pela continuação da luta iniciada pelo Senhor Dom Duarte décadas atrás e que hoje, mais do que nunca, se revela como absolutamente necessária de travar de novo.

Esta é uma tarefa que deve unir todos os monárquicos portugueses numa liderança que, pelo exemplo e por aquilo que representam, cabe à Família Real e à qual

nós, Causa Real, daremos todo o nosso maior empenho e dedicação.

Todos não somos muitos para contribuir para a defesa da Liberdade e levar bem alto a nossa bandeira!

Viva o Rei, viva Portugal!

28

ÍNDICE

6

OPINIÃO E DEBATE

. Alegria e compromisso | João Vacas
. Evento e movimento | Pedro Velez

8

CASAMENTO REAL

. Textos | Alberto Miranda

46

CONVIDADO ESPECIAL

. António Homem Cardoso

48

ENTREVISTA

. Hélio Loureiro | Duarte Calvão e João Távora

54

DOSSIER

. Três Casamentos Reais em República | António Pinheiro Marques

59

NOTICIÁRIO

63

BIBLIOTECA - Por Vasco Rosa

. «Brilho oculto»: um tesouro enfim redescoberto

Alegria e compromisso

JOÃO VAGAS

O casamento da Senhora Dona Maria Francisca com Duarte de Sousa Araújo Martins coincidiu com a cerimónia de juramento de bandeira da herdeira do trono espanhol. Num mesmo dia, duas situações tão diferentes, para duas Princesas cujos destinos não se afiguram similares e para duas Casas Reais em circunstâncias tão distintas, poderiam parecer nada ter em comum. No entanto, essa dissemelhança é mais aparente do que real porque ambas foram marcadas pelas mesmas duas características: a alegria e o compromisso.

A alegria foi mais visível, espontânea e livre no caso da Senhora Infanta, mas esta também transpareceu no da Princesa das Astúrias que, enquanto cadete da Academia Militar de Saragoça, beijou a bandeira e jurou fidelidade ao Rei.

O rito, de natureza profundamente pessoal, de unir uma vida a outra, solenemente e perante Deus, não descurou a sua inegável dimensão pública e política de que os nubentes nunca se alhearam.

A configuração, eminentemente contida e marcial, da cerimónia em que participou Dona Leonor, não escondeu que, ali, entre os demais cadetes, a futura Rainha de Espanha assumia, pessoalmente e de bom grado, a missão de servir o seu país ao lado dos seus camaradas de armas.

Se o casamento da Senhora Infanta concentrou nela e no seu Marido o foco das atenções, por mais que o juramento de Leonor pudesse ter sido diluído entre outros tantos, não o foi e não o poderia ter sido. Foram ambas protagonistas de actos determinantes e definidores das suas vidas.

As respectivas famílias conferiram dignidade aos compromissos assumidos e incutiram em quem os testemunhou a certeza de que estes carregavam consigo o cunho da continuidade e da disponibilidade para o serviço aos seus povos, que independe das circunstâncias políticas episódicas de cada um dos países.

Se os espanhóis, mesmo os mais contrariados, puderam constatar a determinação e a disposição séria, mas jovial, da sua futura soberana, os portugueses, mesmo os mais distraídos ou os mais contaminados pelo jacobinismo que lhes é administrado há décadas, ficaram a saber que a Família Real está ao seu lado e que, mesmo nos momentos mais íntimos, esta não concebe a sua existência sem a partilhar com o povo português.

Nesse dia sete de Outubro, alegria e compromisso andaram de mãos dadas, tanto em Mafra como em Saragoça; em franco contraste com o que se passava noutras partes martirizadas do mundo.

Até o jornalismo nacional tão céptico, quando não sarcástico e mesmo deselegante, para com a Família Real, não teve outro remédio senão reconhecer a sua existência e dar a notícia de que uma Infanta de Portugal se casava. Infelizmente, esta atenção foi esporádica, momentânea e, sobretudo, mundana, descurando os

elementos mais profundos que marcaram aquela data feliz. Não se tratou de chapéus nem de vestidos, nem de precedências nem de títulos, mas da celebração do amor de duas pessoas que não apenas o compartilharam com todo o país, como se disponibilizam a servi-lo.

Acredito que a Princesa das Astúrias tem boas razões para ver em Filipe VI um exemplo de dedicação e de compromisso, quotidiano e existencial, com Espanha e com a sua unidade, e não tenho qualquer dúvida de que a Senhora Dona Maria Francisca pode encontrar nos Senhores seus Pais a encarnação do que significa ser português e do que é ter sempre Portugal como primeira prioridade. Em permanência, dia-a-dia, a cada batimento do coração.

A cadência serena, a elevação pessoal e cerimonial, a perenidade aberta à mudança o horizonte de sonho e a garantia de estabilidade que as monarquias acrescentam às democracias contemporâneas, demasiado imersas no tempo e nos debates políticos, cada vez mais fugazes, cada vez mais extremados, cada vez mais básicos, ficaram provados uma vez mais no dia 7 de Outubro.

José Manuel Durão Barroso aconselhou então os portugueses a reconhecerem a sua história e a reconhecerem e acarinharem a Família de Bragança. Ganharíamos todos se o seu conselho sensato fosse levado a sério. Apesar de todas as suas duplicidades e ambiguidades, Salazar afirmou, muito justamente, em Outubro de 1949, que «Príncipes portugueses só deveriam crescer e ser educados em Portugal, embalados pelo nosso mar, acariciados pelo nosso sol, falando de criancinha a Língua, sentindo a lusitanidade da terra e da gente, vivendo o seu drama, acompanhando o seu trabalho, interpretando o seu sentir. Príncipes assim educados, ao contacto dos vivos e dos mortos da sua pátria — dos que a fizeram com heroísmo e a continuam com duro esforço —, são, seja qual for o seu destino, património moral da Nação, património que só povos muito ricos ou despreocupados costumam desperdiçar.»

Não obstante as tristes circunstâncias da nossa República que, 113 anos depois, não consegue encontrar uma narrativa que minimamente a justifique, nem ao episódio infame do regicídio, e que cada vez mais se afasta dos portugueses, Portugal tem na Família Real, despojada das funções oficiais e dos bens materiais que

deveriam ser seus, mas detentora e intérprete plena dos valores imateriais que a sua condição e o seu exemplo lhe conferem, um património de uma riqueza

sem paralelo. Que bom seria se o conhecêssemos e o valorizássemos como merece.

E a vós, Senhora, que posso eu desejar-vos senão a maior felicidade? Que a alegria e o compromisso de dia 7 de Outubro perdurem, se renovem e fortaleçam a cada dia da vida da família que constituísteis e que me atrevo a também chamar nossa.



Nesse dia sete de Outubro, alegria e compromisso andaram de mãos dadas.

Evento e movimento

PEDRO VELEZ

Talvez se possa afirmar que os casamentos reais, em República, significaram, simultaneamente, momentos de consolidação e de dinamização do crescimento do movimento monárquico.

O casamento d' El-Rei D. Manuel II, em 1913, constituiu parte e parcela da desafiante reorganização política dos monárquicos em República, com a fundação da Causa Monárquica, de vocação agregadora, em 1911.

O matrimónio do Senhor D. Duarte Nuno, em 1942, com uma princesa do ramo brasileiro da Casa de Bragança, potenciou ainda mais, num plano político-simbólico, o seu reconhecimento como herdeiro e representante dos Reis de Portugal, efetuado dez anos antes pelos corpos dirigentes da Causa Monárquica, aquando da inesperada morte de «o Patriota». Daí que o Senhor D. Duarte Pio, em quem convergiam legitimidades outrora divergentes, tivesse podido ser apelidado de «Príncipe da Conciliação».

Em 1995, o verdadeiro evento de Estado que, em 13 de maio desse ano, teve lugar nos Jerónimos revelou-se indissociável da adaptação da(s) estrutura(s) realistas ao novo contexto político-constitucional da III^a. República. A antiga Causa Monárquica havia já dado lugar, na prática, a uma nova Causa Real, federação de Reais Associações de base distrital, de carácter interclassista e informada por

um espírito de serviço ao bem comum. Algumas das novas associações (Real Associação do Algarve e Real Associação de Lisboa, por exemplo) contribuiriam, de forma especial, para a preparação de uma cerimónia mobilizadora em termos monárquicos e populares. Em tudo se notou o impulso liderante do gabinete político do Duque de Bragança, brilhantemente chefiado pelo saudoso António de Sampaio e Mello (coadjuvado, formal ou informalmente, por altos valores como António Kopke Túlio, Fernando Tavares Rodrigues, João da Câmara, Luís de Athayde, Luís Correia da Silva, Mafalda de Noronha Wagner, Renato Pinto Soares...). Do casamento do chefe da Casa Real, bem como dos posteriores batizados do Príncipe da Beira e dos Infantes de Portugal, emergiu um irreversível e abrangente reconhecimento social da família de Bragança como valor nacional e tradicional, na «identificação de um País».

Em continuidade com o paradigma estabelecido em 1995, o mais recente casamento real (07.10.2023) parece ter contribuído para uma reactivação da militância monárquica, procurando tornar visível a ideia de que Portugal, Estado antigo, dispõe ainda, de algum modo, mesmo em República, de uma família realmente depositária de séculos de história pátria.

Em continuidade com o paradigma estabelecido em 1995, o mais recente casamento real (07.10.2023) parece ter contribuído para uma reativação da militância monárquica.

RECORDAÇÕES DO CASAMENTO REAL

Faça a sua encomenda em reallisboa.pt ou pelo 213 428 115 (segunda a sexta-feira, das 11:00 às 14:00 horas)



Faça as suas compras da forma mais confortável. Faça a leitura deste Código QR

A Real Associação de Lisboa, que integrou o Grupo de Trabalho do Casamento da Infanta D. Maria Francisca com Duarte de Sousa Araújo Martins realizado em Mafra no passado dia 7 de Outubro, mandou produzir três peças de colecção para recordação do grande acontecimento: duas peças da Vista Alegre, uma caixa de cartas e um saleiro com o desenho da heráldica dos noivos, assim como um cinzeiro produzido pelo Oleiro de Mafra Norberto Batalha, com preço mais acessível.





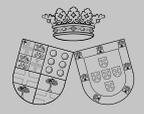
Casamento Real em Mafra

Texto **Alberto Miranda**

Fotografia **Nuno de Albuquerque Gaspar**

Foi um dia de festa! O casamento da Infanta D. Maria Francisca, filha dos Duques de Bragança, com o advogado Duarte de Sousa Araújo Martins reuniu 1200 convidados, na Real Basílica de Mafra e muitos mais no Terreiro D. João V. A noiva, que os portugueses

conhecem desde que nasceu, usou a tiara da Rainha D. Amélia de Portugal e afirmou estar “muito feliz”. Nas páginas seguintes descubra todos os pormenores e detalhes do enlace real dos Duques de Coimbra, uma cerimónia com projecção internacional.





A Duquesa de Bragança e o filho mais novo, o Infante D. Dinis, Duque do Porto

A chegada da Família Real

A mãe da noiva e os dois filhos chegam ao Terreiro D. João V e são aclamados por centenas de pessoas que os aguardam. A Duquesa de Bragança vem acompanhada do Infante D. Dinis, mas faz a sua entrada no templo de braço dado com o Príncipe da Beira.

No interior da Real Basílica de Mafra já estavam os 1200 convidados, vestidos a preceito! O noivo, que chegou acompanhado dos padrinhos, também já se encontrava junto ao altar. Agora era a vez da chegada da família real, que iria anteceder a da noiva. Com centenas de pessoas no Terreiro D. João V para os aclamar, D. Isabel de Bragança chega acompanhada do filho mais novo, o Infante D. Dinis, Duque do Porto. A multidão, feliz, acena e a Duquesa de Bragança corresponde.

D. Afonso, Príncipe da Beira, chega ao templo sozinho e também recebe uma forte ovação, que continua enquanto vai cumprimentar os vários grupos de folclore, que estavam a animar o recinto. Mãe e filhos deixam-se fotografar para os vários meios de comunicação, nacionais e estrangeiros, que fizeram questão de cobrir o casamento real.

Numa tarde de grande calor, foram muitos os curiosos e simpatizantes da causa monárquica que

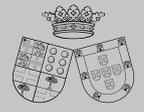


D. Afonso de Santa Maria, Príncipe da Beira

fizeram questão de mostrar o seu apoio para com a família real portuguesa.

A Duquesa de Bragança, vestida com um conjunto azul de Luzia de Nascimento, a autora do vestido da noiva, com uma *capeline* creme, e o laço da Ordem de Santa Isabel, da qual é grã-mestre, fará a sua entrada na basílica de braço dado com o filho mais velho, a quem coube receber o Presidente da República e que se sentaria na primeira fila, junto da família real, do lado esquerdo do templo, onde também estava o irmão do Duque de Bragança, o Infante D. Miguel, Duque de Viseu.

Momentos depois, será a vez de a Infanta chegar ao templo de braço dado com o Pai para se unir, perante Deus e perante os homens, a Duarte de Sousa Araújo Martins.



Infante D. Miguel de Bragança, Duque de Viseu



Fotos Alberto Miranda

O noivo, que chegou acompanhado dos padrinhos, estava a viver os seus últimos momentos de solteiro



O filho mais velho dos Duques de Bragança recebe o Presidente da República

A aclamação da noiva

A chegada da noiva foi um dos momentos mais aguardados para quem se deslocou até Mafra. Entre aplausos e vivas, a Infanta D. Maria Francisca desceu



A Infanta e o Duque de Bragança chegaram à Real Basílica de Mafra numa caleche de Maria Rita Barahona Nuncio, puxada por duas parelhas de cavalos de António Simões



A multidão, reunida à porta do Palácio de Mafra, fez questão de saudar a noiva e o Duque de Bragança

da caleche e, de braço dado com o pai, cumprimentava todos quantos lhe acenavam. O Duque de Bragança era a imagem de um pai orgulhoso, feliz pelo casamento da filha também ser uma festa popular.

A noiva partiu da Câmara Municipal de Mafra até à basílica, como nos contos de fadas, numa caleche. Durante o curto trajeto, a Infanta D. Maria Francisca foi acompanhada por uma multidão que se juntou para a ver passar.

As duas parelhas de cavalos lusitanos, das Figueiras, propriedade de António Simões, puxam a caleche preta, com as armas reais de Portugal, cedida por Maria Rita Barahona Nuncio.

Pai e filha, felizes e sorridentes, fazem o trajeto sempre a acenar a quem os segue, uma multidão de centenas de pessoas nas ruas, que agitam bandeiras azuis e brancas da monarquia e bandeiras com o



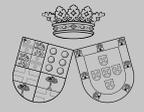
A noiva não escondeu a emoção

monograma do casal. E é daqui que se tem a primeira visão da noiva.

A Infanta, que foi maquilhada pela equipa da Beauty Call e penteada por Miguel Garcia, escolheu um vestido branco e véu de tule, mas só depois de sair da carruagem é que se vê por completo a criação de Luzia de Nascimento, em *mikado* de seda branca, de linhas direitas, com cauda, ligeiro decote aberto em V e mangas com extremidades bordadas.

Na cabeça, sob um sol resplandecente de Outubro, brilha o diadema de oitocentos diamantes que D. Duarte Pio herdou da madrinha, a Rainha D. Amélia de Portugal, e que o tinha recebido como presente de casamento do sogro, o Rei D. Luís I.

A jóia, da casa Leitão & Irmão, também foi usada pela Duquesa de Bragança no dia do seu enlace, há 28 anos, no Mosteiro dos Jerónimos, em Lisboa. A Infanta usou, igualmente, os brincos de noiva da Mãe, e que foram uma oferta de casamento de D. Raquel de Herédia para a filha. D. Maria Francisca levou ainda uma pulseira de diamantes e safiras da



Rainha D. Amélia e que foi emprestada por um amigo da família, que a tinha comprado, anos antes, num leilão. A noiva cumpria a tradição de levar algo azul e emprestado, numa só peça tão simbólica.

Sem largar o ramo de noiva, de flores brancas, e sempre de braço dado com o pai, a Duquesa de Coimbra acena e sorri quando a aplaudem e gritam o seu nome. D. Duarte Pio, a quem gritam “Viva o Rei!”, também se mostra orgulhoso por ver que o casamento da filha, de 26 anos, se tornou uma festa popular. Aliás, o clima de festa e de júbilo é, igualmente, acentuado pelos carrilhões que tocam sem cessar.

A imprensa não pára de a fotografar e a TVI prepara-se para a transmissão da missa em directo, que será seguida no exterior por dois ecrãs gigantes.

Momentos antes de entrar no templo, as damas de honor e os pajens, vestidos de creme e *burgundy*, formam o cortejo e eis que a Infanta se prepara para dizer adeus à sua vida de solteira. Lá dentro, espera-a um noivo sorridente, mas que se mostra, igualmente, ansioso pelo momento que está prestes a viver. Dentro de poucos momentos terá a seu lado, para sempre, a mulher da sua vida.



A noiva usou em vestido de Luzia de Nascimento e a tiara de diamantes da Rainha D. Amélia de Portugal. D. Duarte Pio de Bragança usou um panamá, um acessório, que foi muito elogiado



Os pais do noivo: Pedro Martins e Maria do Carmo de Sousa Araújo assistiram à cerimónia na primeira fila ao lado de vários convidados reais



Os Duques de Bragança mostraram-se emocionados durante o casamento da filha

Sorrisos e cumplicidade na celebração religiosa

A cerimónia religiosa, presidida pelo cardeal emérito D. Manuel Clemente, foi marcada pela cumplicidade dos noivos. A Infanta D. Maria Francisca e Duarte Martins trocaram juras de amor eterno sempre de sorriso nos lábios e, num misto de protocolo e simplicidade, saíram da Real Basílica de Mafra com um forte aplauso dos 1200 convidados.

Depois de percorrer a nave central da Basílica de Mafra, uma obra de arte da arquitectura portuguesa do século XVIII, a sorrir e a cumprimentar com a cabeça ou a acenar aos convidados que ia reconhecendo, a Infanta D. Maria Francisca chega ao altar pelo braço do pai, o Duque de Bragança. É lá que a espera um emocionado

noivo, já com a condecoração da Ordem de Nossa Senhora de Vila Viçosa, que lhe foi concedida pelo futuro sogro. A Duquesa de Coimbra e o futuro marido cumprimentam-se com um beijo e não escondem a sua felicidade.

As madrinhas ajeitam a cauda e o véu e a cerimónia começa com a entrada do cortejo eclesiástico e da Real e Venerável Irmandade do Santíssimo Sacramento de Mafra. O cardeal emérito D. Manuel Clemente, que será ajudado pelo cardeal D. Américo Aguiar, começa a celebração religiosa e dá as boas-vindas aos noivos e a todos os presentes referindo-se a este enlace como “uma altura grande, verdadeiramente sacramental” e usando a palavra “servos” para “Duarte e Maria Francisca”, que

decidiram unir os seus destinos perante Deus e os homens nesta basílica, que foi declarada pela Unesco Património Mundial da Humanidade.

A primeira leitura, retirada do *Livro dos Provérbios*, é feita pelo irmão da noiva, o Infante D. Dinis. O salmo, *Felizes os que reconhecem o Senhor*, é cantado pela soprano Maria Isabel Seabra Vilallonga, prima da noiva.

A segunda leitura da *Epístola do apóstolo São Paulo aos Colossenses*, é feita por D. José de Sousa Macedo e segue-se o *Alleluia* de Mozart, cantado pelo Coro de Câmara de Lisboa, dirigido pela maestrina Teresita Gutierrez Marques, enquanto os seis órgãos da basílica são tocados em simultâneo.

O *Evangelho de Nosso Senhor Jesus*



A Real Basílica de Mafra foi o palco do casamento real, o primeiro de um membro da família Bragança a ter lugar neste templo, mandado construir pelo Rei D. João V



A homilia foi proferida por D. Manuel Clemente, amigo da família Bragança. Dirigindo-se aos noivos, o cardeal emérito lembrou a importância do amor e afirmou que este casamento representa “o melhor do que a vida oferece”

Cristo segundo São João, escolhido pelos noivos, é um elogio ao amor, porque proclama como mandamento “que vos ameis uns aos outros, como Eu vos amei”.

A assembleia senta-se e D. Manuel Clemente aproxima-se do casal para fazer a sua homilia. A Infanta troca um olhar carinhoso com o noivo e com os pais. As palavras do cardeal emérito tocam nos sentimentos daqueles que se preparam para começar uma vida a dois. “O que nos é dado a viver hoje neste magnífico templo (...) é certamente o matrimónio cristão de Maria Francisca e Duarte (...), manifestação do melhor que a vida oferece (...), e do melhor que a graça divina garante”. Os sorrisos continuam à medida que o cardeal afirma que este é um “encontro de dois seres que se amam” e que “podem contar com Deus” para esta caminhada que agora iniciam juntos, até porque este dia é para os noivos “o ponto de chegada”. Depois, D. Manuel Clemente lembra que “a família vive da confiança



As alianças, em ouro amarelo, foram entregues aos noivos numa salva de prata gravada com as armas de Portugal



Depois de terem dito o "sim" perante Deus, a Duquesa de Bragança recolhe o véu à filha e os noivos dão o primeiro beijo como marido e mulher



Depois de ser conduzida ao altar pelo pai, a noiva encontra-se com o noivo, que a cumprimenta com um beijo na face

mútua e da colaboração de cada um" e reforça que o casamento encontra "no bem do outro o vosso maior bem", deixando como mensagem final: "seja a caridade de Cristo a alma do vosso matrimónio".

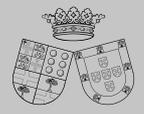
Com estas palavras de fé e de coragem para os noivos, segue-se o rito do casamento, no qual cada um afirma que é de livre vontade e de todo o coração que se querem casar, que estão decididos a amar-se a respeitar-se ao longo de toda a vida e que estão dispostos a receber, com o dom de Deus, os filhos e a educá-los na lei de Cristo.

A emoção nota-se nos rostos da Infanta e de Duarte, mas também dos pais dos noivos e em vários convidados. O celebrante pede para que ambos unam as mãos direitas e é então que fazem os votos de

amor eterno, primeiro ele, depois ela, dizendo com voz firme e pausada que prometem ser fiéis, amar-se e respeitar-se, na alegria e na tristeza, na saúde e na doença todos os dias das suas vidas. Depois deste momento maior, o cardeal afirma com voz solene: "Não separe o Homem o que Deus uniu".

As alianças são trazidas numa salva de prata gravada com as armas de Portugal e é então que cada um afirma, em separado: "recebe esta aliança como sinal do meu amor e da minha fidelidade".

A Duquesa de Bragança dirige-se à filha e levanta-lhe o véu, deixando a tiara a descoberto. Duarte beija a mulher e lá fora a multidão aplaude. De facto, o momento é de felicidade e comoção, que o tema *Meditação*, de Robert Schumann, ajuda a sublimar.



A leitura da *Oração Universal* é feita por vários elementos da família e padrinhos, e entre as várias intenções pedidas é feita uma pela “Casa Real, para que continue a defender a História e os valores que fundaram Portugal”.

A cerimónia prossegue com vários momentos musicais de Mozart, Andrew Lloyd Weber ou *Ave Maria* de Gounod. Depois da comunhão, os noivos dirigem-se ao altar-mor e D. Maria Francisca deposita o seu ramo, da autoria da Kefrô (assim como de toda a decoração do templo) junto de Nossa Senhora da Soledade, a imagem que recentemente obteve por parte do Vaticano a coroação pontifícia. Faz-se um silêncio sepulcral para se ouvir o tema *Nossa Senhora do Carmo*, em cante alentejano, interpretado pelo Grupo de Cantares Ecos do Guadiana, o que permitiu dar a conhecer aos convidados estrangeiros, um pouco da cultura popular portuguesa.

Antes de terminar a cerimónia, os noivos recebem a bênção do Papa Francisco e fazem-se as assinaturas com os padrinhos. Maria Francisca e Duarte deixam o templo ao som da *Sinfonia para a Real Basílica de Mafra*, de 1807, mas os convidados (que tinham todos o lugar marcado de acordo com o protocolo), como num outro casamento qualquer, filmam a saída, gritam “Viva aos

noivos” e aplaudem o novo casal. Segue-se o primeiro banho de multidão dos Duques de Coimbra...



Momento em que a Infanta assina a ata matrimonial e onde é possível ver, além da tiara, o anel de noivado e a pulseira de safiras, que pertenceu à Rainha D. Amélia e que foi emprestada por um amigo da família



Os noivos dirigem-se à multidão que os aguarda no exterior do Palácio de Mafra. Irão receber o primeiro banho de multidão como Duques de Coimbra



Casamento com 1200 convidados

Para testemunhar a alegria dos noivos, o casamento da Infanta D. Maria Francisca de Bragança com o advogado Duarte de Sousa Araújo Martins reuniu, em Maфра, 1200 convidados. Entre várias personalidades da vida política e social portuguesa, familiares e amigos, também se destacaram vários Príncipes de casas reais reinantes e não reinantes da Europa, do Brasil e até da Jordânia. Depois da missa, todos os ilustres convidados seguiram para um dos claustros do Palácio de Maфра, onde foi servido um cocktail e cuja decoração esteve a cargo da Quinta do Roseiral.



1. Princesa Maria Isabella de Sabóia-Génova
2. Maria Pia de Orléans e Bragança Jong
3. Princesa Ana Teresa de Orléans e Bragança
4. Condessa Irina zu Stolberg-Stolberg
5. Príncipe Leka da Albânia
6. Duquesa viúva de Cadaval, Duquesa de Cadaval e princesa Isabelle d'Orléans
7. Príncipes Gundakar e Marie do Liechtenstein
8. Príncipes Pedro e Sofia de Borbón e Duas Sicílias, Duques de Calábria
9. Príncipe João de Orléans e Bragança e Cláudia Melli
10. O soberano grão-mestre da Ordem de Malta e o embaixador Bouza Serrano
11. Príncipes Eudes e Marie d'Orleans, Duques de Angoulême
12. Grão-Duque George da Rússia e a princesa Vítoria Romanovna
13. Jean-Marie Musy e Grã-Duquesa Maria da Rússia
14. Príncipe Amyn Aga Khan e Grã-Duquesa Maria da Rússia
15. Príncipes Ludwig e Sophie da Baviera



16. Duquesa Amélie de Württemberg e o barão Franz von Feilich
 17. A princesa Christine de Ligne com os filhos, os Príncipes Gabriela, Rafael e Amélia de Orléans e Bragança
 18. Condes de Paris
 19. Príncipes Sébastien e Louis do Luxemburgo
 20. Princesa Sophie da Prússia, Eilika e Georg de Habsburgo, arquiduques da Áustria e Príncipes da Hungria, Príncipes Sophie e Ludwig da Baviera e D. Afonso de Bragança, Príncipe da Beira





21



22



23



24



25



26



27



28

- 21. José António e Maria Antonieta da Cunha Coutinho
- 22. Princesa Miriam Ghazi da Jordânia e o filho, o Príncipe Boris da Bulgária
- 23. Príncipes Alberto e Gloria von Thurn und Taxis
- 24. O Príncipe George da Prússia e o arquiduke Georg da Áustria
- 25. Embaixador António Almeida Lima
- 26. Príncipe Karl Philippe de Croy
- 27. Príncipes Joana e Henrich de Croy
- 28. Arquiduquesa Milona de Habsburgo, princesa da Hungria



29



30



31



32



33

- 29. Sara, Francisco e Luísa de Mendia Vassalo
- 30. Princesa Aklexandra de Kohary e Jorge Raposo de Magalhães
- 31. Duquesa Marie de Württemberg e o filho, o Duque Wilhelm de Württemberg
- 32. Príncipes Guillaume e Sibilla do Luxemburgo com a filha, a princesa Charlotte de Nassau
- 33. Elisabeth Martorell, Maria do Carmo Calém e Núria Martorell

Fotos Alberto Miranda



- 34. Aline e Thomas Hall de Beuvink
- 35. António Mattos e Silva
- 36. A soprano Maria Isabel Vilallongo
- 37. Ricardo Seabra e Ingrid Ribeiro Vieira
- 38. Diana Polignac de Barros e barão Miguel horta e Costa
- 39. Marqueses de Lavradio
- 40. Gabriela Carrascalão e José Cid
- 41. Stéfane Bern e Maria do Carmo Calém
- 42. Helena e Vasco Rocha Vieira
- 43. Catarina e João Pereira Coutinho
- 44. Joana Gonçalves e José Manuel Durão Barroso
- 45. Conde de Carnide, marquesa de Lavradio e Luís e Francisco de Almeida
- 46. Condes de Albuquerque
- 47. Afonso Maldonado Correia e Teresa Corte-Real
- 48. Pedro Cabral da Câmara
- 49. Pedro Lafões e Marie Claude Bragança



50



51



52



53



54



55



56



57

50. Carlos Moedas, presidente da Câmara Municipal de Lisboa

51. Paulo Portas

52. João e Maria Cortez Lobão

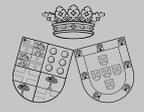
53. Sofia Fernandes e Miguel Albuquerque, presidente do Governo Regional da Madeira, com o chef Hélio Loureiro

54. Carla e Hélder Sousa Silva, presidente da Câmara municipal de Mafra

55. Martim Cortez Lobão e Teresa Rilvas

56. Os noivos a fazerem uma foto com Duarte Seabra Calado, Teresa Carolino, Maria Avillez e Gonzalo Bravo

57. João e Teresa Sousa Mendes com os filhos Manuel e Joaquim Herédia de Sousa Mendes



58. João Carlos da Cunha Paredes, Presidente da R.A. da Ilha da Madeira, com a filha, Luciana Paredes; Pedro Quartín Graça, Presidente da Causa Real, e sua mulher Eugénia Quartín Graça, José Aníbal Marinho Gomes, presidente da R.A. de Viana do Castelo, e sua mulher, Paula Marinho Gomes.
59. Teresa e José Lobão, secretário-geral da Causa Real



60. Inês Sequeira Mendes e Nuno Pombo
61. D Miguel de Bragança, Duque de Viseu; Carmo Sanches de Baena, Francisco e Raquel Lobo Vasconcellos, José Duarte Lobo Vasconcellos e Lourenço Correia de Matos



62



63



65

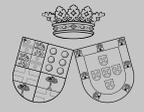


65



66

62. Teresa de Castro Simas com Carlota e João de Lancastre e Távora, Presidente da Real Associação de Lisboa
 63. Célia e Jorge Leão com os noivos
 64. Sérgio Gorjão diretor do Palácio Nacional de Mafra
 65. Gabriela e Paulo Valença, Presidente da Real Associação do Porto
 66. Maria Clara e Joaquim Costa Nora



67



68



69

67. Teresa e António Souza-Cardoso com Maria do Carmo e Tomás Moreira
68. Rita Pereira Coutinho e Joaquim Biancard Cruz do Núcleo do Oeste da RAL
69. Argentina e Álvaro Menezes, Presidente da Real Associação de Visu



70

70. Os noivos com Conceição Moniz, do Núcleo do Oeste da RAL
71. Aline e Thomas Hall de Beuvink



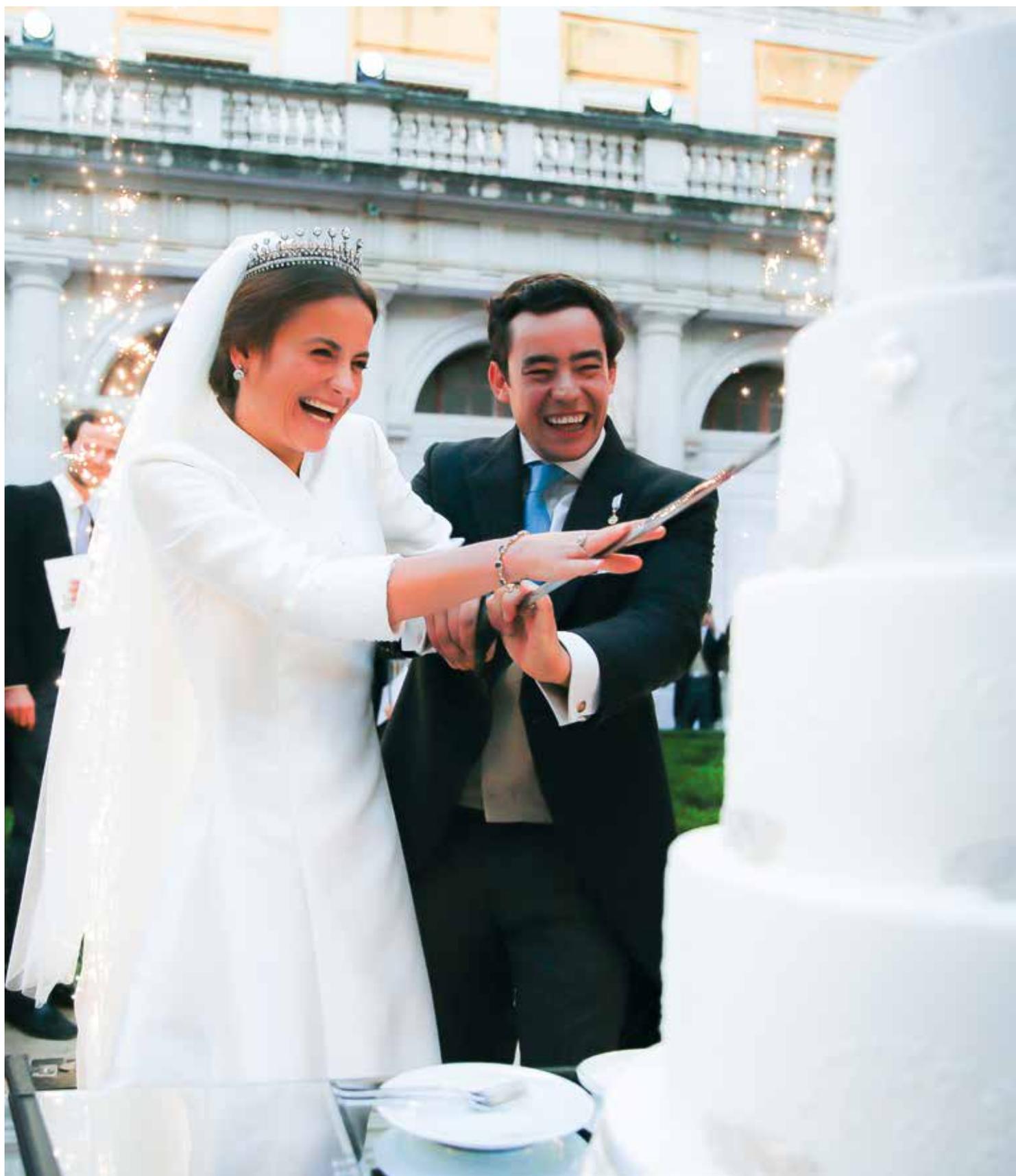
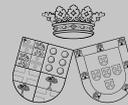
71



A noiva com o marido e os pais, os Duques de Bragança



O noivo com a mulher e os pais, Pedro Martins e Maria do Carmo de Sousa Araújo



O bolo de noiva, servido para os 1200 convidados num dos claustros do Palácio de Mafra, foi uma criação do *chef* Hélio Loureiro (em colaboração com a Padaria da Ramalha, da Covilhã) com nozes e doce de ovos e cobertura com açúcar. A decoração foi inspirada na filigrana de Gondomar

Centenas de pessoas partilham felicidade dos noivos

Terminada a celebração religiosa, a festa prosseguiu no Terreiro D. João V, onde os noivos eram aguardados por uma multidão em êxtase! Os Duques de Coimbra sorriam e acenavam às pessoas, viram os grupos folclóricos que actuaram toda a tarde e ofereceram um gigantesco bolo a todos os que se encontravam no exterior do Palácio de Mafra.

A vila de Mafra assistiu pela primeira vez na sua História a

um casamento de uma Infanta portuguesa. O terreiro do palácio, construído por iniciativa do Rei D. João V, sétimo avô de D. Maria Francisca, era o palco de uma verdadeira festa popular.

Nas ruas, horas antes do começo da cerimónia, já vários populares se aglomeravam, de forma ordeira e respeitosa, para verem a noiva chegar e antes dela um desfile de convidados, vindos de toda a Europa, do Brasil e da Jordânia, com vários Príncipes e princesas, primos da Família

Real portuguesa. Repetia-se, deste modo, a mesma festa popular que foi o casamento dos Duques de Bragança, há 28 anos, no Mosteiro dos Jerónimos, em Lisboa.

Várias bandeiras da monarquia e outras com o monograma dos noivos engalanavam as ruas e ajudavam a dar um toque especial a este dia em que a filha de D. Duarte Pio e D. Isabel ia dar o nó, naquele que foi o primeiro casamento de um filho dos Duques de Bragança.





1. Grupo Cultural de Danças e Cantares de S. Miguel de Alcaíça
2. Antigos Orfeonistas da Universidade do Porto
3. Rancho Folclórico Cantarinhas de Barro
4. Rancho Folclórico da Casa do Concelho de Arcos de Valdevez
5. Rancho Folclórico e Etnográfico da Casa do Concelho de Castro Daire



Animação de rua com 16 grupos

Durante a tarde foram 16 os grupos tradicionais que animaram o Terreiro D. João V, vindos de várias partes do país.

Fizeram questão de estar presentes o Grupo Cultural de Danças e Cantares de S. Miguel de Alcaíça, o Grupo Folclórico “Os Saloios” da Póvoa da Galega, a Banda de Música Mineiros do Pejão e os Antigos Orfeonistas da Universidade do Porto.

Também vários ranchos se associaram a este dia como os de Cantarinhas de Barro, da Casa do Concelho de Arcos de Valdevez, o Rancho Folclórico e Etnográfico da Casa do Concelho de Castro Daire, “Os Hortelões” da Ervideira, o da Malveira, de São Miguel do Milharado, de Moleirinhas do Seixal, o Rancho

Folclórico e Etnográfico de Cabeço de Montachique, de Monte Godel, da Monfirre, o da Casa do Concelho de Pampilhosa da Serra e o da Casa do Concelho de Ponte de Lima.

Toda esta animação de rua foi uma iniciativa organizada pela Real Associação de Lisboa, sob a batuta do seu secretário-geral Pedro Amaro, que muito agradou à assistência que batia palmas a estas mostras da nossa tradição.

A chegada da noiva à basílica, por um lado, e a saída do casal para oferecer o bolo à multidão, por outro, constituíram os dois momentos altos do dia, em que se ouviam “Viva os noivos”, à mistura com o toque dos carrilhões e muitos aplausos.



6



7



8



9



10



11

6. Rancho Folclórico "Os Hortelões" da Ervideira
7. Rancho Folclórico da Malveira
8. Rancho Folclórico São Miguel do Milharado

9. Rancho Folclórico Moleirinhas do Seixal
10. Banda de Música Mineiros do Pejão
11. Rancho Folclórico e Etnográfico de Cabeço de Montachique



12



13



14



15



16

12. Rancho Folclórico de Monte Godel

13. Rancho Folclórico da Monfirre

14. Rancho Folclórico da Casa do Concelho de Pampilhosa da Serra

15. Grupo Folclórico "Os Saloios" da Póvoa da Galega

16. Rancho Folclórico da Casa do Concelho de Ponte de Lima

“Este é o meu bolo”

Como em qualquer casamento real, quem assistia de fora fazia questão de fotografar e filmar os Duques de Coimbra e houve até quem fizesse *selfies* com a Infanta e o marido para eternizar o momento. Tudo isto num clima de muita alegria e espontaneidade, o que cativou a assistência.

“Está tão bonita” ou “é tão simples a nossa Infanta” foram alguns dos comentários que se ouviam à passagem da noiva, que foi sempre uma pessoa discreta, mas soube cativar as pessoas pela forma como quis fazer a sua festa de casamento: uma festa para a família e aberta a quem quisesse testemunhar este dia. Palavras reforçadas pela Duquesa de Bragança dias antes do enlace da filha, afirmando que “este evento é para partilhar com toda a gente que queira”.

Por isso, uma vez terminada a cerimónia religiosa,

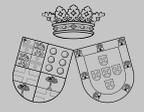
a Infanta (que os portugueses conhecem desde que nasceu e acompanharam o seu crescimento), fez questão de partilhar com quem a quis ver a sua alegria e, por isso, o corte do bolo na rua foi um momento que tocou D. Maria Francisca, que chegou mesmo a afirmar que “este é o meu bolo de casamento”, quando havia um outro para oferecer aos convidados no interior do palácio.

O casamento, tendo em conta que trouxe à vila mafrense convidados reais do Luxemburgo, do Liechtenstein, de França, de Itália, da Alemanha, da Prússia e da Rússia, da Bulgária, da Áustria e da Hungria, da Albânia, da Geórgia, da Jordânia e até do Brasil e de várias casas aristocráticas europeias constitui “uma oportunidade para reforçar a promoção do município”, como referiu o presidente da Câmara de Mafra, já para não falar da cobertura mediática nacional e internacional que a cerimónia teve.



1. No final da missa, já marido e mulher, os noivos vão oferecer às centenas de pessoas que os aguardavam um gigante bolo de noiva
2. O bolo foi cortado com uma espada sob um forte aplauso dos populares que quiseram partilhar a felicidade dos noivos





Palavras de felicidade

No meio desta festa popular, entre beijos e felicitações, nas suas primeiras palavras como casada, a Infanta, sempre a sorrir, confessa: “Estou muito emocionada e muito feliz. Estou radiante”.

A Duquesa de Bragança, que afirma não ter estado nervosa e salienta que “não chorei”, mostrou-se, igualmente, encantada: “Foi uma cerimónia muito emotiva, mas descontraída. A Francisca estava muito feliz e como mãe também estou, claro. E ela faz questão de partilhar essa alegria com toda a gente”, para acrescentar: “Estou muito contente. Correu tudo muito bem. Até tivemos este tempo maravilhoso a ajudar”.

Como pai, D. Duarte Pio também realçou a sua “felicidade” e afirma ter gostado de “ver tantos membros da família reunidos”, numa cerimónia que qualificou de “emotiva e descontraída”.

Já o noivo sente uma emoção “indescritível. O Casamento foi uma beleza” e não escondeu a emoção de estar ao lado da mulher com as pessoas que os aguardavam para os ver no exterior.

Depois, os noivos regressam para junto dos seus convidados e, durante o cocktail, são vários os que querem cumprimentar os Duques de Coimbra, dar-lhe os parabéns e, se possível, fazer uma fotografia. Aqui, enquanto as conversas se misturam em várias línguas (francês, inglês, alemão e italiano), o protocolo é descontraído e esta é a altura de brindar à saúde dos noivos. Dentro de momentos, eles irão dirigir-se para Sintra para o jantar que os Duques de Bragança oferecem a 400 convidados. Lá fora há ainda vários resistentes que querem ver uma vez mais os noivos e Maria Francisca e Duarte, de mão dada, e sorriso rasgado, não os desiludem, atirando beijinhos e dizendo “obrigado” aos que lhe desejavam felicidades...



Primeira fatia de bolo entregue simbolicamente à jovem mafrense, Clarinha (Mendes da Silva)



Banca e centro logístico da Real Associação de Lisboa - da esquerda para a direita: Marco Gomes da Silva, José Carmona, José Manuel Castro, Pedro Amaro e Diogo Severino da direcção da RAL, com o associado António Jorge Albuquerque Gaspar.



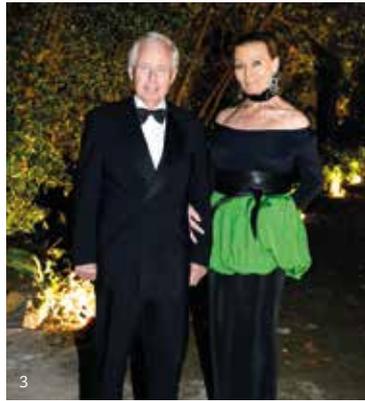
No casamento participaram mais de 40 jovens voluntários, que foram uma ajuda preciosa para o decorrer desta cerimónia. Desempenharam diversas funções como a credenciação, acompanhamento dos convidados, no apoio às múltiplas actividades no exterior. Por vezes invisíveis, a sua alegria, eficiência e disponibilidade foram notadas por todos os presentes. A sua colaboração constituiu, mais do que um contributo generoso, uma garantia para o sucesso deste grande dia.



1



2



3



4



5

1. Pormenor das mesas do jantar com toalhas com ramagens e serviço Margão, da Vista Alegre
2. A tenda transparente foi decorada pela Festa Aluga
3. Príncipes Philippe e Isabelle do Liechtenstein
4. Ana Ferreira dos Santos (Patucha), responsável pela decoração da tenda onde decorreu o jantar
5. Grã-Duquesa Maria da Rússia
6. Grão-Duque George da Rússia e a princesa Vítoria Romanovna
7. Elisabet Martorell e a filha, Maria do Carmo Calém

Jantar à luz das velas em S. Pedro de Sintra

A festa de casamento da Infanta D. Maria Francisca continuou para um grupo mais restrito de 400 convidados. Família e primos reais estrangeiros chegaram à casa dos Duques de Bragança, em Sintra, já com novas roupas. O noivo, de *smoking*, e a noiva, com um outro vestido de Luzia de Nascimento, fizeram questão de receber todos os amigos no jardim. Depois seguiu-se um jantar que honrou as tradições portuguesas, numa tenda transparente, à luz das velas, e um animado baile que durou até de madrugada

Ao anoitecer, a casa dos Duques de Bragança começou a receber 400 convidados, sobretudo família e membros das casas reais estrangeiras. Instalada no jardim, com árvores frondosas, a passadeira vermelha denunciava que a noite era de festa. Aos poucos começam a chegar os senhores de *smoking* e as senhoras de vestido comprido, mas o novo *dress code* não inibe e o clima de festa sentese no ar.

A Infanta, já com um outro vestido, também da autoria de Luzia de



6



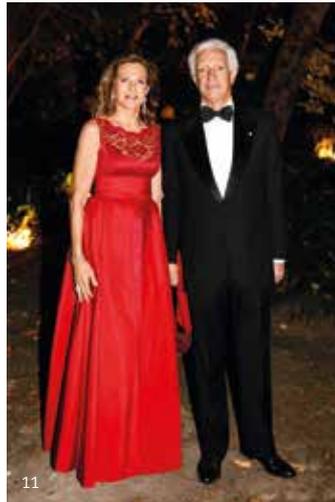
7



8



9



Nascimento, e com um alfinete no cabelo e uns brincos de esmeraldas da avó, a princesa brasileira Maria Francisca de Orléans e Bragança, faz questão de cumprimentar todos com beijos e abraços, deixando, uma vez mais, transparecer a sua felicidade. O noivo, a seu lado, cumprimenta os familiares e as altezas ora em português ora em inglês ou não fosse esta uma noite verdadeiramente internacional.

Num clima descontraído, as fotografias sucedem-se e todos se mostram felizes por se reencontrarem de novo. Pelo jardim circulam bandejas com salgadinhos e bebidas e trocam-se dois dedos de conversa.

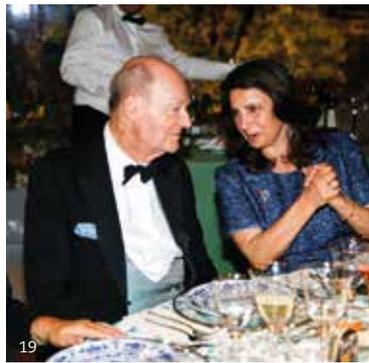
Na tenda transparente, montada no meio do jardim, entre árvores de grande porte, está tudo a postes! A decoração do espaço foi da



- 8. Condessa Teresa Schonborn-Wiesentheid e princesa Glória von Thurn und Taxis
- 9. Condes de Paris e Príncipes Sibilla e Guillaume do Luxemburgo
- 10. Príncipes Sílvia e Pierre d' Arenberg
- 11. Isabel e Vasco Pereira Coutinho
- 12. Céline e Carlos Moedas
- 13. José Manuel Durão Barroso e Joana Gonçalves
- 14. Príncipe Beltran da Bulgária
- 15. No seu discurso em inglês, o Duque de Bragança agradeceu a presença de todos os convidados e desejou felicidades aos noivos
- 16. A arquiduquesa Milona de Habsburgo com José Lobo de Vasconcelos
- 17. Durante o jantar, os irmãos da noiva, o Príncipe da Beira e o Infante D. Dinis mostram o seu bom-humor e elogiaram a irmã e o cunhado
- 18. Elisabeth Martorell e o primo, o Duque de Calábria
- 19. Duquesa de Bragança e Príncipe Aryn Khan



18



19



20

Festa Aluga e as mesas exibem toalhas com ramagens verdes, o serviço Margão, da Vista Alegre, flores brancas e muitas velas acesas.

Os convidados são chamados para o jantar pelo anfitrião e o Duque de Bragança mostrou o seu humor ao usar um chocalho, que tinha trazido uns anos antes da Ovibeja, enquanto a Duquesa de Bragança, sem nunca perder o sorriso, dizia: “On passe à la table”.

O chef Hélio Loureiro preparou o jantar com um menu a honrar os sabores típicos portugueses. Foi servido robalo com arroz de gambas, vitela Barrosã com batata-doce e castanhas transmontanas, legumes salteados e molho de vinho do Porto e a sobremesa eleita foi cheesecake de frutos



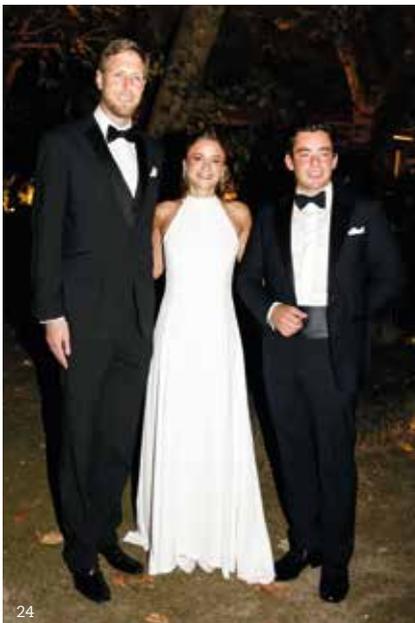
21



22



23



24



25



26



27

Fotos: Nuno de Albuquerque Gaspar

20. A tenda foi montada para 400 convidados, mas depois do jantar chegaram mais 200 pessoas para o baile

21. Princesa Dorothée d’Arenberg e Princesa Charlotte de Nassau

22. O grão-mestre soberano da Ordem de Malta e a arquiduquesa Eilika de Habsburgo, Princesa da Hungria

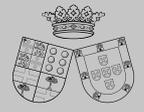
23. A Duquesa Diana de Cadaval e Maria do Rosário de Sousa Araújo Ribeiro da Costa, tia do noivo

24. O Príncipe Leka da Albânia com os Duques de Coimbra

25. João e Maria Cortez Lobão

26. Príncipe Karl Philippe de Croy, Príncipe Louis do Luxemburgo, Príncipes Delia e Marc de Croy e Helena Grolman

27. Os noivos no jardim da casa dos Duques de Bragança antes de começar o jantar



28



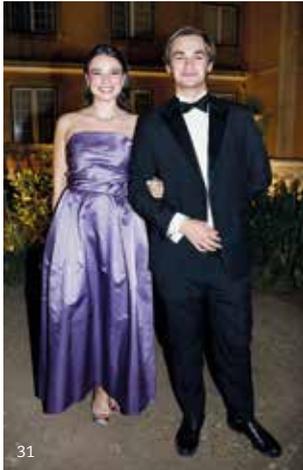
29

- 28. Os noivos agradecem as palavras do Duque de Bragança
- 29. Visivelmente apaixonados, os Duques de Coimbra mostram as alianças de casados
- 30. Depois da Infanta abrir o baile com o irmão mais velho, os noivos dançaram a valsa



30

CR Nº 28, NOVEMBRO DE 2023



31



32



33



34



35

vermelhos, feito pela empregada da casa. Os vinhos servidos eram do Minho, do Douro, de Trás-os Montes, do Dão, de Setúbal e do Alentejo, sendo o espumante das Caves Messias da Bairrada.

Na altura dos discursos, o pai da noiva pediu desculpa por falar em inglês e agradeceu a presença de todos e falou da alegria que sentia ao casar a filha. Depois foi a vez dos irmãos da noiva também dizerem umas palavras, num misto de emoção e boa-disposição, fazendo rir várias vezes os convidados. A Infanta, emocionada, levantou-se e foi abraçar o Príncipe da Beira e o Duque do Porto.

Para o baile chegaram mais 200 convidados. A abertura foi feita com a tradicional valsa pela Infanta e por D. Afonso de Bragança, que depois foi dançar com a mãe, enquanto o noivo se uniu à mulher. Terminada esta primeira música, o ritmo mudou por completo. A DJ Mad Marj, conhecida por ser uma das preferidas das celebridades, como Katy Perry, põe a tocar *Dancing Queen* dos Abba, um tema que faz levantar todos os convidados para dançar. Às três da manhã a tenda ainda estava cheia e os últimos resistentes saíram quase às seis da madrugada. Sobre este longo dia, a Infanta confessou, uma vez, mais: “Foi magnífico. Estou muito feliz”.



36



37



39



38

31. Joana de Sousa Mendes e o primo, o Infante D. Dinis
 32. Princesa Christine de Ligne e Orléans e Bragança com Teresa Drummond
 33. Maria e Manuel Cunha e Sá
 34. Manuel e Diane de Herédia
 35. Princesa Maria Immaculata do Liechtenstein e princesa Thérèse d'Orléans
 36. Ana e Bernardo Barahona
 37. Infante D. Miguel de Bragança, Duque de Viseu, com Maria do Carmo Saches Baena
 38. A princesa Dorothee d'Arenberg e o Príncipe da Beira
 39. Pedro de Sousa Araújo Martins (irmão do noivo), Pedro Martins e Maria do Carmo de Sousa Araújo Martins (pais do noivo), os Duques de Coimbra, e Salvador de Sousa Araújo Martins (irmão do noivo)



**Cunha
Coutinho**
SAÚDE

CUIDE DA SUA FACE

Recupere o seu brilho e
elegância naturais!

COM OS TRATAMENTOS DE MEDICINA ESTÉTICA
E CIRURGIA COSMÉTICA DA FACE PODE VOLTAR
A SENTIR-SE CONFIANTE NO SEU ROSTO

ESPECIALIDADES

CIRURGIA DA FACE
MEDICINA ESTÉTICA
IMPLANTOLOGIA ORAL
CIRURGIA ORAL
GLÂNDULAS SALIVARES
ART. TEMPOROMANDIBULAR
ORTODONTIA
ODONTOPEDIATRIA
PERIODONTOLOGIA
PRÓTESE FIXA E REMOVÍVEL
CLÍNICA GERAL



MARQUE JÁ
UMA CONSULTA

218 499 966

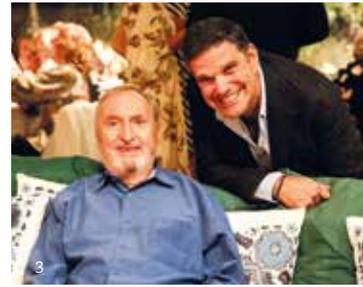
Visite-nos na Av. Guerra Junqueiro nº 21 - 4º Esq.
De segunda a sexta-feira, das 9h às 19h
Para mais informações: www.cunhacoutinhosaude.pt
Siga-nos nas redes sociais!  

Noivos dizem adeus à vida de solteiros com arraial

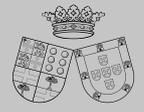
Na véspera do grande dia, os Duques de Bragança ofereceram nos jardins da sua quinta, em Sintra, um arraial. A festa popular contou com a presença de um grupo folclórico, de porco no espeto e... muita animação. A Infanta surpreendeu os convidados e até o noivo ao surgir vestida de noiva minhota, com um traje oferecido pela Real Associação de Viana do Castelo

O *dress code* era informal, porque a noite era de descontração! Para mostrar algumas das melhores tradições portuguesas, os Duques de Bragança e os noivos idealizaram um arraial, aquilo que explicaram aos primos estrangeiros, como sendo uma festa típica portuguesa.

Ao início da noite, com uma temperatura atípica para Sintra, e sem a tradicional humidade que caracteriza



1. Os noivos com Francisco e Luísa de Mendia Vassalo
2. Maria de Cortez Lobão, Príncipe da Beira e João de Cortez Lobão
3. Infante D. Miguel de Bragança com Francisco Lobo de Vasconcelos
4. Príncipe Rafael de Orléans e Bragança e Príncipe Sébastien do Luxemburgo
5. O traje de noiva minhota foi uma surpresa até para Duarte Martins
6. Os noivos com Maria João e António Homem Cardoso
7. Duarte Martins com o Infante D. Dinis, a Infanta D. Maria Francisca e o Príncipe da Beira
8. O Duque de Bragança e o futuro genro

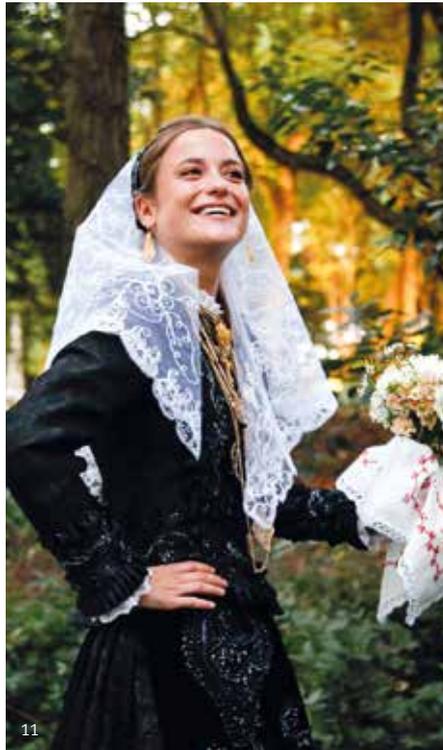


9



10

9. A tenda, instalada nos jardins dos Duques de Bragança, foi decorada pela Festa Aluga
10. Por se tratar de um arraial, a decoração da tenda foi pensada para um convívio informal
11. O traje de noiva típico do Minho foi uma oferta da Real Associação de Viana de Castelo
12. Os noivos fizeram questão de surpreender os convidados a dançar folclore português
13. As Moleirinhas, do Seixal da Lourinhã, foi o grupo que animou a noite



11



12

a vila, os jardins da casa de D. Duarte Pio e D. Isabel de Bragança começou a encher-se de convidados. Familiares e amigos próximos reuniram-se para festejar a união de D. Maria Francisca com Duarte de Sousa Araújo Martins.

Quando a noiva chega ao jardim, a surpresa foi total! Até para o noivo. A Infanta surgiu vestida com o tradicional traje de noiva minhota, feito de propósito para ela, com o seu escudo bordado, o peito adornado com o tradicional ouro português em filigrana e um pequeno véu de renda branca. Este vestido foi um presente que recebeu da Real Associação de Viana do Castelo.

Enquanto eram servidos aperitivos e bebidas, chega um rancho que animou os convidados e houve mesmo quem dançasse, como os noivos, algumas modas populares que fazem parte do cancioneiro de Portugal. Sucediam-se os aplausos, com os presentes tão admirados quanto fascinados.



13

Na tenda, decorada pela Festa Aluga e pensada para uma reunião sem protocolo, havia vários espaços para conviver e uns de pé, outros sentados iam comendo algumas iguarias portuguesas como ostras da ria de Aveiro, uma seleção de queijos dos Açores, mas também havia o tradicional porco bísaro no espeto, de Trás-os-Montes, migas de feijão com grelos, enchidos de Ponte de Lima, bacalhau à Brás e a versão *vegan* com legumes e gelados artesanais, feitos com fruta portuguesa, do *chef* António Veiria. Os vinhos, esses, eram todos de várias regiões nacionais.

A música tradicional portuguesa brilhou, uma vez mais, e mesmo depois de já ter trocado de roupa, a Infanta volta a dançar folclore acompanhada pelo grupo, pelo noivo e pelo tio materno Afonso de Herédia.

Terminou em festa e de forma animada a última noite de solteira da Duquesa de Coimbra. No dia seguinte, D. Maria Francisca iria viver um dia único. E os portugueses também, porque a transmissão em direto da cerimónia pela TVI foi um autêntico *record* de audiências.



14



17



15



16



18



19



20

14. D. Afonso de Bragança recebe a Duquesa viúva de Cadaval e a Duquesa de Cadaval
 15. Francisco e Teresa van Uden
 16. Arquiduquesa Milona de Habsburgo e a princesa Christine de Ligne e de Orléans e Bragança
 17. A noiva fez questão de acompanhar o grupo folclórico
 18. Príncipes Henrich e Joana de Croy com o Príncipe da Beira
 19. A noiva com Paula Paz Dias e Mário Ferreira
 20. Os noivos com Maria João e Nuno Pinto de Magalhães



- 21. Princesa Marie do Liechtenstein, Príncipe João de Orléans e Bragança e Cláudia Melli
- 22. Príncipes Ludwig e Sophie da Baviera
- 23. A Infanta com uma nova roupa e a mãe, a Duquesa de Bragança
- 24. Conde de Paris
- 25. Marquês de Lavradio e condes de Avintes
- 26. Teresa Herédia e João Sousa Mendes
- 27. A Infanta e o tio, Afonso de Herédia, a dançar folclore
- 28. Príncipe Ayn Aga Khan, Philippe Mendes e embaixador Bouza Serrano



Uma história de amor

Conheceram-se em Azeitão, em 2019, através de amigos comuns! Duarte de Sousa Araújo Martins passou a convidar a Infanta para vários jantares e o amor aconteceu de forma natural. Numa viagem a dois a Timor, o advogado (que já tinha informado, em segredo, os futuros sogros) pede D. Maria Francisca em casamento e oferece-lhe um anel com um diamante que o Duque de Bragança tinha da mãe. Em Janeiro começam uma nova vida em Londres.

Em Dezembro do ano passado, os Duques de Bragança anunciaram que a filha estava noiva. A surpresa foi geral e ficou a saber-se que o eleito do coração de D. Maria Francisca era Duarte de Sousa Araújo Martins. Em Maio, os pais da noiva “têm o prazer de anunciar o casamento da sua filha”, como se pode ler no comunicado emitido, e revelam que a Duquesa de Coimbra e o advogado “ficaram noivos em Timor”, em 2022.

Com cinco meses de preparativos, o casamento aconteceu a 7 de Outubro na Basílica de Mafra perante 1200 convidados, mais várias centenas de populares que se juntaram no Terreiro D. João V, em frente ao palácio, para ver a noiva e assistir à cerimónia através de dois ecrãs gigantes montados no exterior.

A adesão da população e a transmissão em direto pela TVI mostram o carinho que os portugueses têm para com a família Bragança, em geral, e para com a Infanta, em particular.

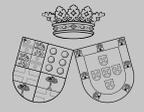
A 2963 metros de altura

Os agora Duques de Coimbra conheceram-se através de amigos comuns em Azeitão, em 2019. “Foi numa festa tradicional, com porco no espeto (...). De repente, decidiu organizar vários jantares e eu ia sempre”, contou a Infanta em entrevista a Manuel Luís Goucha.

A amizade transformou-se em amor, porque D. Maria Francisca soube apreciar nele qualidades únicas que a encantaram: “O Duarte é uma pessoa



Duarte de Sousa Araújo Martins pediu D. Maria Francisca em casamento em Timor



muito positiva e trabalhadora e tem os pés na terra”, confessou.

Em Dezembro de 2022, numa viagem romântica, a dois, a Timor, Duarte Martins já sabia que ia pedir em casamento a Infanta. Em segredo contou a sua intenção aos Duques de Bragança e D. Duarte Pio ofereceu-lhe um diamante, que pertencia à sua mãe, para se criar o anel. Toda a Família Real, com excepção da Infanta, já sabia o que ia acontecer. Duarte de Sousa Araújo Martins preparou tudo com grande cuidado e na maior discrição e não se separou nunca da mochila durante as férias com medo de perder o anel de noivado. Até que, chegados ao monte de Ramelau, o ponto mais alto de Timor oriental, a 2963 metros de altura, e com uma vista de sonho, se ajoelhou e fez o pedido.

Descendente do Conde de Pinhel

Duarte de Sousa Araújo Martins é neto materno do arquitecto e pintor de arte sacra João de Sousa Araújo e é um dos descendentes do Conde de Pinhel, seu trisavô, o que o liga à aristocracia portuguesa. Fez o curso de Direito na Universidade Católica e trabalha como advogado na Sociedade Uría Menéndez-Proença de Carvalho.

O Príncipe da Beira revela que o cunhado foi bem aceite no seio dos Bragança: “O Duarte conquistou facilmente toda a família, sim. Nós já conhecíamos o avô, que tinha vindo muitas vezes lá a casa fazer uma escultura do meu pai, portanto havia alguma proximidade à família”, revelou à Caras.

A Infanta, que foi considerada pela revista francesa Point de Vue, pela sua genealogia, um dos melhores partidos da Europa, fez a sua apresentação à sociedade, em 2018, no famoso Baile de Debutantes de Paris. É licenciada em Comunicação Social e Cultural, pela Universidade Católica, fez Erasmus em Roma e voluntariado na Guiné. O seu nascimento foi notícia no Telejornal e o baptizado, em Vila Viçosa, foi transmitido em directo pela RTP. O padrinho, o Infante D. Henrique de Bragança, era o anterior Duque de Coimbra, e é muito próxima da madrinha, a

Princesa Marie do Liechtenstein, que esteve presente no casamento.

Nova vida a dois em Londres

D. Raquel de Herédia cedeu um apartamento à neta, em Lisboa, e é lá que o casal viverá quando estiver em Portugal, porque no início do ano, os Duques de Coimbra vão viver para o Reino Unido. “Em Janeiro mudamo-nos para Londres, onde irei trabalhar em fusões e aquisições”, revelou Duarte Martins à Sábado,

no mesmo escritório de advogados onde exerce actualmente. Sobre esta nova etapa, a Infanta confessou a Manuel Luís Goucha: “Vamos estar no nosso espaço e com a nossa dinâmica familiar. Vai ser bom”.

D. Maria Francisca irá dedicar-se ao prémio que tem o seu nome e criar a Associação Infanta Maria Francisca para apoiar jovens artistas. “A Chica também já tem planos ligados ao mundo da arte. Vai promover o Prémio Infanta Dona Maria Francisca para pintura e escultura, que é atribuído aos estudantes de mestrado em Artes Plásticas da Faculdade de Belas Artes do Porto. Quer dinamizar o projecto de forma a promover os estudantes de outras faculdades do país”, explicou à Sábado Duarte Martins, confirmando ainda que vai nascer a Associação Cultural Infanta Maria Francisca e que “parte dos nossos presentes de casamento será para ajudar a lançar

este projecto”.

A Infanta tem 26 anos e o Duque consorte de Coimbra tem 31. O casal já manifestou a intenção de ter muitos filhos.



Noivos desde Dezembro de 2022, os Duques de Coimbra tornaram-se marido e mulher numa cerimónia com 1200 convidados e num clima de grande festa popular em Mafra

Texto: Alberto Miranda

Foto do casamento: Nuno de Albuquerque Gaspar
Foto oficial do noivado: António Homem Cardoso

CONVIDADO ESPECIAL

António Homem Cardoso

Fotógrafo

ENTREVISTA DE JOÃO TÁVORA

O que me apeteceu foi fotografar o rosto luminoso da Infanta Maria Francisca que se traduz em raríssimas expressões de ternura, inteligência e beleza. Mas estava como convidado, e isso foi muito honroso para mim.

Quem é António Homem Cardoso, fale-nos um pouco de si?

Diabético, cardíaco e monárquico. Vivi até aos 10 no meu lugar de Negrelos, em S. Pedro do Sul. Cheguei a Lisboa em 1955 para trabalhar numa mercearia de onde fugi aos 14, após ter sido acidentalmente figurante e mascote do filme Eddie em Lisboa.

Comecei a fotografar com a câmara que o actor me ofereceu na despedida e vadiiei por Lisboa enquanto durou o dinheiro que a actriz Bárbara Lage generosamente me deixou. Entretanto surgiram as primeiras encomendas de retratos e percebi que podia continuar “vadio” e ganhar algum dinheiro, situação que se mantém actual, mais de sessenta anos depois. Foi assim que vivi este tempo todo sem nunca ter tido um emprego. Também nunca tive Clube nem Partido. Sou culturalmente católico e irremediavelmente apaixonado pelo ideal Real da Chefia do Estado.

Lembra-se como sucedeu o seu envolvimento como fotógrafo da Família Real?

Já não, de todo. Existe a sensação de ter conhecido a Família Real desde sempre. Sou um pouco mais velho que o Senhor Dom Duarte e conheci o Senhor seu Pai, Dom Duarte Nuno. Depois, o envolvimento com amigos monárquicos, nomeadamente o Dr. António Sampaio e Mello, levaram-me aos Jerónimos para ser o fotógrafo do Casamento Real. Em muito boa hora!

De onde surgem as suas assumidas simpatias monárquicas?

Falas antigas de lareira na casa grande de Negrelos, sobre as relações familiares com o Morgado de Torredeita, Viseu, um tio-avô sem descendência Visconde de Carvalhais, o Visconde de S. Pedro, padrinho do meu irmão Francisco, eram lembrados carinhosamente pela minha Tia-Avó e madrinha Amélia, guardiã das memórias da família, minha protectora. Orgulhosa do seu nome e desgostosa sempre do destino da última Rainha reinante. Sim, foi o encantamento dessa adorada Tia-avó que me fez monárquico de berço.

Qual a melhor recordação que guarda das muitas sessões de fotografia com a Família Real?

O nascimento e a primeira sessão com o Senhor Dom Afonso foi épica. Depois de tanta expectativa estava ali, vivo e belo, o Príncipe. Inesquecível. Mas tenho memórias fantásticas das muitas viagens que fiz com a Família Real por vários países de língua e coração português.

Desta vez não esteve em trabalho num grande acontecimento da Família Real – gostou da experiência?

Deus perdoa, a idade não. Já não posso assumir compromissos em dia e hora, gostei da elegância e descrição de como a reportagem foi feita, e ensaiei mentalmente o momento decisivo do disparo de muitas expressões dos noivos, mas, desta vez, o fotógrafo, este fotógrafo, não estava lá. Estava outro que, decerto, trabalhou com o mesmo carinho e competência como eu o fiz há 28 anos.

Em nenhuma altura lhe apeteceu sair do seu lugar para registar alguma imagem? Quando?

Nem sequer me apeteceu ir para o meu lugar. O que me apeteceu foi fotografar o rosto luminoso da Infanta Maria Francisca que se traduz em raríssimas expressões de ternura, inteligência e beleza. Mas estava como convidado, e isso foi muito honroso para mim.

Qual a imagem destes dois dias de festa em Mafra e em Sintra que mais o impressionou?

A imagem da entrada na Basílica do Senhor Dom Duarte com a Infanta sua Filha. Adoro ver as pessoas que amo realizarem os seus sonhos que, neste caso, também eram os meus.

Que conselho daria a um jovem fotógrafo que queira seguir os seus passos?

Fotógrafo é mais uma coisa que se é que uma coisa que se queira ser. Se for, que seja humilde e que se faça ninguém perante as coisas e pessoas que o emocionam, e que lute até a exaustão na perseguição do ideal da beleza e da verdade possíveis. Que leia muito. Desenhar sensações literárias em imagens fotográficas é um exercício apaixonante.

Uma mensagem aos monárquicos que se habituaram a apreciar o seu trabalho?

Obrigado de todo o coração. O Vosso carinho e amizade fizeram de mim um homem melhor e deram-me a possibilidade de honrar o meu País, e a minha Pátria com as mesmas armas com que ganhei a vida.

Quer deixar alguma mensagem especial aos noivos?

Que sejam, que vão ser, o exemplo. Que um grande amor é um grande exemplo

Daqui e Dali

“Uma coisa, porém, temos como certa. É que as probabilidades de despotismo em regime republicano excedem muito as das tiranias monárquicas, como a própria realidade contemporânea o demonstra. Por carência de meios impeditivos nas formas republicanas ou por inata predisposição destas?”

Mário Saraiva

“...no plano dos conceitos, nem a República é mais democrática do que a Monarquia nem a Monarquia é mais democrática do que a República. Na sua aplicação, porém, importa saber em que medida a República ou a Monarquia correspondem à vontade do povo”

António de Sampaio e Melo

Hélio Loureiro

Entrevista coordenada
por Duarte Calvão e João Távora

Sem monárquicos na família, sem católicos coerentes e praticantes, fui, com a liberdade que os meus pais me deram, alicerçando o meu rumo político onde, pela razão, cheguei à Fé e à Monarquia.

Hélio Loureiro, Chef de cozinha com quarenta anos de carreira, dirigente monárquico e associado da Real Associação do Porto, é há muito conhecido pelo grande público pelas suas intervenções televisivas e obra publicada. Reconhecida a qualidade do seu trabalho como Chefe do Futebol Clube do Porto, foi convidado para a Seleção Portuguesa de Futebol em 1996. Foi homenageado pela sua cidade natal, o Porto, com a Medalha de Honra e Mérito, distinção que juntou à de Comendador da Real Ordem de Nossa Senhora de Vila Viçosa, atribuída por S. A. R. o Duque de Bragança, Chefe da Casa Real portuguesa, que já o havido distinguido com a de Comendador da Ordem de São Miguel da Ala.

Consultor da SóCatering, Gertal e Itau do Grupo Trivalor e Continente, Hélio Loureiro foi o Chef designado pelos Duques de Bragança para a festa do casamento da Infanta Dona Maria Francisca com Duarte de Sousa Araújo Martins em Sintra e o autor do bolo de noiva servido na recepção do Palácio Real de Mafra.

Como é que se tornou monárquico?

Depois de muita leitura e reflexão. Venho de uma família simples, mas muito politizada, onde sempre se discutiu muito política. Meu pai foi delegado sindical depois do 25 de Abril. Sendo sempre um homem de direita era, anteriormente à Revolução, um inconformado com o regime ditatorial que vivíamos.

Meu irmão pouco antes da Revolução já andava em movimentos estudantis tendo estado nas primeiras Comissões de estudantes e continuado depois na Universidade. Por isso, lá em casa, tanto se liam o “Portugal amordaçado” do General Spínola como os livros de Friedrich Engels ou de Karl Marx. Faziam parte da leitura o jornal diário que ao tempo era o “Primeiro de Janeiro” (mais à direita) ou o “Comércio do Porto”, assim como o “Jornal de Notícias”, entre outras publicações semanais como “o Expresso”, o “Diabo” e alguns pasquins de partidos da esquerda e extrema-esquerda que serviam sempre para encrespar as discussões à mesa.

Foi depois da leitura de tudo isto, numa altura que a política estava extremada e a consciência política era imensa, que, pela leitura e reflexão, cheguei ao ideal Monárquico. Nunca me revii no PPM, pois sempre entendi que a Causa Monárquica não é partidária, mas entendia e gostava dos princípios ecológicos que o Partido defendia.

Numa altura de grande perseguição à Igreja Católica, encontrei nela a paz interior que necessitava, assim como um grupo de jovens que muito me ajudou na construção do que sou hoje. Sem monárquicos na família, sem católicos coerentes e praticantes, fui, com a liberdade que os meus pais me deram, alicerçando o meu rumo político onde, pela razão, cheguei à Fé e à Monarquia.

Como surgiu a sua ligação à Casa Real Portuguesa?

Recordo-me que a primeira vez que disse em casa que era monárquico nem sabia quem era o Chefe da Casa Real, o que foi obviamente motivo de chacota, mas, com treze anos, a única fonte de que eu dispunha era que o Rei Dom Manuel tinha morrido sem descendentes e, por isso, procurei indagar quem era o actual Duque de Bragança, tendo chegado,

através do obituário, ao conhecimento da morte de Dom Duarte Nuno. Aí soube quem era o descendente e desde esse dia soube a quem respeitar.

Só por volta dos trinta e muitos anos é que conheci o Senhor Dom Duarte de Bragança, tendo-o conhecido em ambiente de trabalho. Como sempre lhe foi característica a sua simplicidade e cordialidade, isso fez com que tivéssemos uma longa conversa e daí nascesse um grande respeito pelo seu pensamento lógico e coerente.

Os anos foram passando e uma amizade, mas sobretudo a vontade de estar ao Serviço, fez com que nos fôssemos encontrando mais vezes e o pudesse convidar para inúmeros eventos a que sempre acedeu presidir, o que sempre me honrou.



O que distingue o seu trabalho nos eventos da Casa Real de outros eventos em que colabora?

Poderia dizer que a dedicação é maior, mas estaria a mentir, a minha paixão pela cozinha leva-me a ter a mesma dedicação, seja um serviço simples para o mais comum dos mortais, quer seja o jantar mais sofisticado para um Chefe de Estado ou uma figura de grande destaque. Talvez isso tenha aprendido em casa, onde para minha mãe, sendo enfermeira, os doentes eram todos equivalentes.

O meu pai dizia muitas vezes um poema de Rudyard Kipling “Se”

“...Se és capaz de, entre a plebe, não te corromperes,
e, entre Reis, não perder a naturalidade.

...Se és capaz de dar, segundo por segundo,
ao minuto fatal todo valor e brilho.

Tua é a Terra com tudo o que existe no mundo,

e - o que ainda é muito mais - és um Homem, meu filho!”

talvez por isso estar tão incutido em mim faça sempre esta reflexão e tenha este propósito de fazer sempre tudo e tratar a todos da mesma forma e com a mesma paixão.

Algum aspecto que queira destacar na elaboração das ementas deste casamento?

A vontade de ter representado cada lugar e recanto de

A minha paixão pela cozinha leva-me a ter a mesma dedicação, seja um serviço simples para o mais comum dos mortais, quer seja o jantar mais sofisticado para um Chefe de Estado

Portugal quer pelos seus vinhos, quer pelos seus produtos. Ser o mais português nesta selecção, tentando ter o que de melhor temos e produzimos por cá.

Teve alguma orientação especial por parte dos noivos para a elaboração das ementas?

Tive, sim, uma liberdade total para a escolha e a proposta que foi apresentada foi aceite quer pela Senhora Dona Isabel quer pelos noivos que foram do melhor que alguma tive na minha vida de tantos anos de eventos. Ao longo dos anos fui percebendo o que a Infanta Dona Maria Francisca mais gostava, quais os seus gostos gastronómicos e tentei aproximar as ementas o mais possível ao seu bom gosto.

Perceber que sendo um Casamento que traz a Portugal tantos estrangeiros, havia que ter o maior número possível de iguarias tradicionais, mas, sobretudo, não perder nunca o fio condutor da Casa Real Portuguesa que sempre se pautou pela sobriedade.

É muito diferente elaborar uma ementa para um restaurante de uma refeição para centenas de pessoas. Que aspectos em particular leva em consideração?

É muito diferente. Cozinhar para centenas de pessoas de uma só vez requer procedimentos e tem condicionantes diversas, desde a preparação, ao trabalho de finalização que não pode ser tão composto como quando se trata

“Ao longo dos anos fui percebendo o que a Infanta Dona Maria Francisca mais gostava, quais os seus gostos gastronómicos e tentei aproximar as ementas o mais possível ao seu bom gosto.”

de uma ementa num restaurante. Estamos a falar de centenas de pessoas que queremos que saiam alimentadas, felizes e saudáveis. Garantir as normas de HACCP é factor fundamental.

É considerado um dos responsáveis pela renovação da cozinha portuguesa contemporânea. Será esse aspecto compreendido pelos comensais deste acontecimento?

Não tenho esse pretensão e essa consideração acho que é até demasiado para quem apenas tem feito um trabalho que assenta na pesquisa da nossa História Alimentar, tentando dar a conhecer o que de melhor temos em Portugal.

Neste casamento apenas tive sempre no pensamento três coisas que me pautam faz imensos anos: Sazonalidade, Proximidade e Biodiversidade.

Ter em conta que, sempre que possível, devemos usar o que nos está próximo, o que é local, ajudando a nossa economia; usar os produtos da época e com pouco impacto na natureza, abandonar os produtos massificados.

Ter em conta que devemos ter na base da nossa alimentação uma variedade de alimentos.

E tão importante este respeito pelo não desperdício, este cuidar de cada produto como sendo único...

Considera que a cozinha portuguesa pode ser modernizada sem se descaracterizar?

Temos vindo a assistir a uma nova versão da cozinha portuguesa, por vezes muito bem conseguida, outras fica apenas pela roupagem.

Precisamos primeiro de reflectir o que é “comer à portuguesa” o que é a “Cozinha portuguesa”.

Sem nos deixarmos ficar agarrados a um “gastro-nacionalismo” que não nos leva a lugar algum. Por outro lado, existem alguns que tanto querem inovar que descaracterizam por completo esse conceito tornando a nossa cozinha num sucedâneo do que se vai fazendo mundo fora. Temos uma cozinha de produtos, uma cozinha assente na ruralidade e em tradições que se prendem a determinadas estações do ano e festividades - é nisso que devemos pensar.

Se pudesse escolher alguns pratos que distinguem a cozinha portuguesa das demais, quais salientaria?

Todos os pratos de bacalhau são, sem dúvida, uma prova da genialidade lusa. Com um só produto conseguimos criar uma infinidade de iguarias, ainda por cima com um peixe que nem é da nossa costa. A cataplana é também um prato que me deixa fascinado pela capacidade técnica pois é um utensílio único no Mundo.

O que se pode fazer para que os bons produtos portugueses sejam mais bem aproveitados e conhecidos – inclusive internacionalmente?

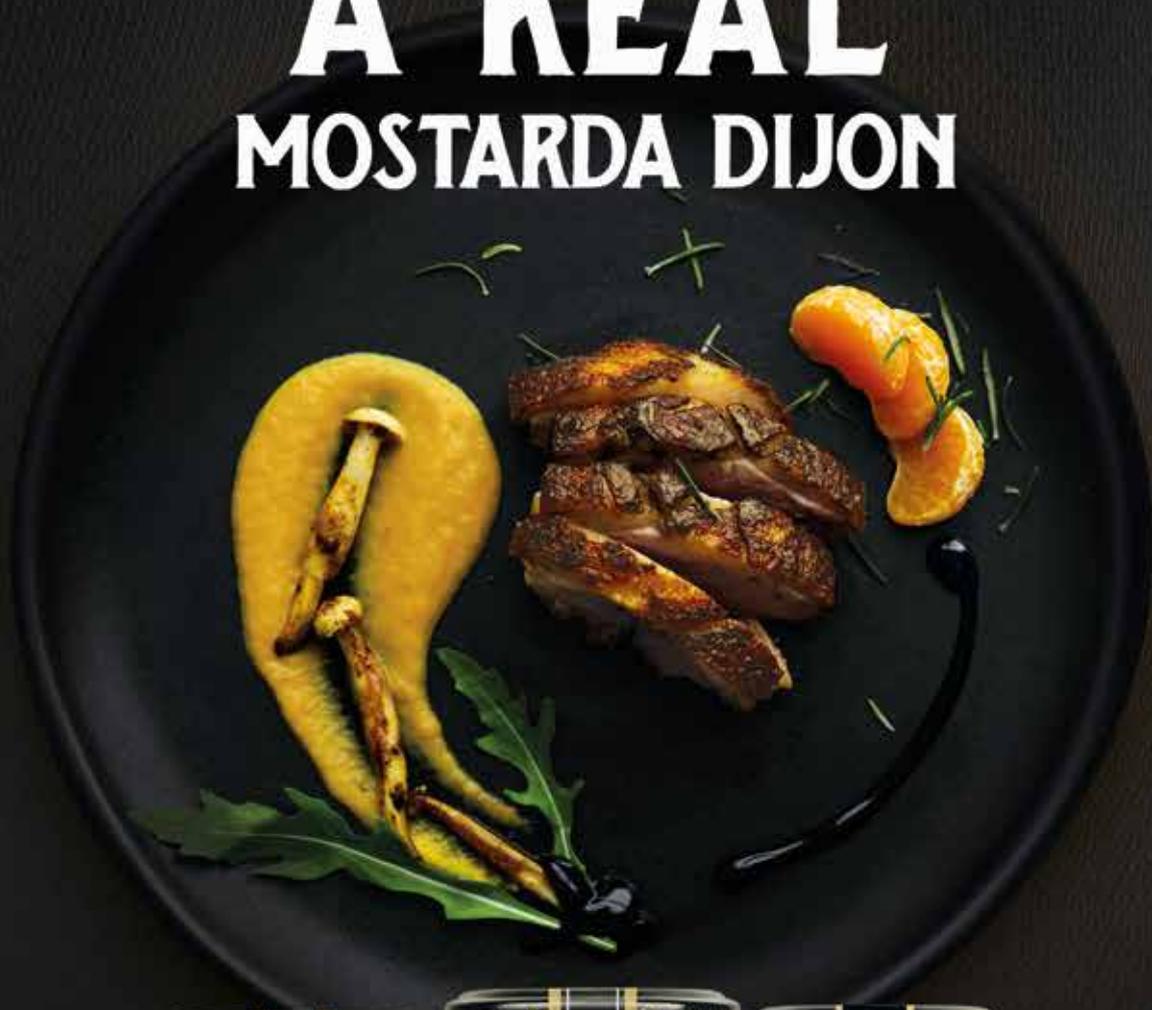
Os grandes eventos gastronómicos, as feiras, os jantares de promoção como os que existem nas embaixadas são, sem dúvida, uma forma de dar a conhecer a nossa gastronomia e os produtos nacionais. Por vezes esquecemo-nos do papel tão importante que tem a diáspora portuguesa espalhada por todo o Mundo. Talvez seja necessário trabalhar mais esta comunicação e ajudar na exportação de alguns ingredientes que nos são tão caros.



Fotos © Nuno de Albuquerque Gaspar


MAILLE

A REAL MOSTARDA DIJON



Recordo que o Ministro Álvaro Santos Pereira, uns anos atrás, ter falado na exportação dos pastéis de nata e quanto ele foi ridicularizado pela comunicação social e pela oposição. A verdade é que, passados dez anos, é o um dos produtos mais exportados e reconhecidos em todo o mundo.

Entendo que o melhor que temos de fazer é acreditar. Essa talvez seja a chave do sucesso pois quando acreditámos no sector do vinho conseguimos competir com outros países, o mesmo se passa com o azeite. É tempo de pensarmos nos hortícolas e frutas, mas, para isso, precisamos de políticas sérias para a valorização do interior, que não se abandone as populações rurais, que se incentive os jovens a um retorno à Terra de uma forma simples e positiva, com segurança e futuro, e não dando pequenas esmolas.

Entendo que esta deva ser uma Missão da Causa, uma verdadeira Revolução Agrária e redistribuição das terras abandonadas, criando riqueza no interior de Portugal, sabendo que também passa por políticas firmes e positivas de migração e não por esta exploração desumana a que temos assistido. Não podemos exportar produtos sem terem um selo de garantia de qualidade seja quanto a eles seja quanto à forma como tratamos os que neles trabalham.

Todos os produtos portugueses devem ter um selo de humanidade oposto à exploração destes novos tempos, numa República que cria escravos do tempo moderno a bem de uma economia sem valores humanos. Um Selo de Humanidade seria uma garantia de que o que produzimos está de acordo com os valores que defendemos.

Como é que os seus colegas de profissão encaram o facto de ser monárquico?

Sempre com muito respeito. Sempre senti, quando falo com eles sobre o tema, e falo muitas vezes, que entendem bem o que me motiva e a importância que tem a Monarquia na defesa da Soberania Nacional, e sempre encontrei entre muitos colegas a mesma vontade de servir e o gosto que muitos têm pela mesma Causa que defendo.

Raramente tive uma palavra menos agradável ou algum conflito. Claro que existe sempre quem confunda com monarquia com um regresso ao passado e tantos anos de propaganda republicana fizeram que muitos ainda achem que para ser monárquico é preciso ser nobre ou descender de um titular.

Que benefícios entende que traria um regime monárquico a Portugal? Alguma vez sentiu que foi prejudicado profissionalmente por ser monárquico?

Directamente não, mas sei que muitas vezes algumas pessoas pouco conhecedoras ou menos preparadas possam ter sido levadas a crer que o facto de eu ser monárquico seria um obstáculo para alguns eventos mais institucionais.

No geral acho que não. Fui convidado muitas vezes por vários Presidentes da República a fazer viagens de Estado. Por exemplo, o Dr. Jorge Sampaio, com quem lidei com mais proximidade, sempre soube desta minha adesão e por várias vezes falávamos sobre o tema. Recordo-me de uma viagem à Noruega em que fui fazer um jantar de retribuição

“Precisamos primeiro de reflectir o que é “comer à portuguesa” o que é a “Cozinha portuguesa” sem nos deixarmos ficar agarrados a um “gastro-nacionalismo” que não nos leva a lugar algum.”

aos Reis da Noruega e que na mesa me apresentou como “o nosso Chef monárquico”; achei muito carinhoso da parte dele.

Quando fui distinguido pelo Estado Português com o Grau de Oficial da Ordem do Infante Dom Henrique

recordo-me de lhe ter dito que só poderia aceitar e usar depois de o Chefe da Casa Real Portuguesa o permitir. Assim o fiz e quando nos voltamos a encontrar perguntou-me com um rasgado sorriso “então o seu Chefe deixou?” ao que respondi “Claro, se não, não poderia estar aqui”. Nunca escondi em momento algum esta minha fidelidade e convicção monárquica.



Que papel espera da Família Real Portuguesa na República em que vivemos?

O que tem tido desde sempre, estar atenta aos reais problemas dos portugueses, estar preparada para que o dia em que a Pátria a chame de novo a Reinar, que o seu Chefe e Príncipes sejam dignos do papel que a História lhes deu. Hoje, como no passado, estar ao serviço sem se servir. Representar o Povo Português nas suas diferentes tradições e culturas, ser o garante da continuidade da portugalidade na sua diversidade em união com o mundo lusófono, que não está unido apenas pela língua, mas também por este sentimento de pertença cultural que a História construiu.

Como avalia o movimento monárquico português nos dias de hoje?

Confesso que me entristece muito ver o Movimento por vezes dividido por questões que não interessam nada

ao comum dos portugueses, dividido muitas vezes entre liberais, miguelistas, realista ou royalistas, com questões a quem pertence ou não determinado título, quem precede a quem, quem tem mais honrarias. Gostava muito mais de ver um objectivo comum, o de dar a conhecer a todos os portugueses o que temos para dar enquanto movimento que se preocupa, por exemplo com as questões ecológicas, sendo esse, desde sempre, uma das principais causas do Chefe da Casa Real Portuguesa; demonstrar que a Monarquia é garantia de estabilidade e continuidade, ser um movimento virado mais para fora e menos para dentro: catequizar os que já são não é preciso. Urgente é, num tempo em que as forças de uma esquerda pouco esclarecida e com uma agenda própria tentam por fim às monarquias, fazer prova de que os países mais desenvolvidos, onde o valor da Democracia e Liberdade são mais preciosos e estimulados, são monarquias parlamentares que não vivem apenas de aparato, mas antes pela permanente dedicação do Chefe de Estado à salvaguarda desses valores assentes na cultura do seus Povos.

Considera que no norte de Portugal o ideal monárquico é mais bem compreendido que no resto do País?

Não tenho essa percepção. De uma forma geral, o reconhecimento e o respeito que o povo português na sua generalidade tem pela instituição Real vai de Norte e Sul passando pelas Ilhas.

Por vezes a Norte, porque as tradições são vividas mais intensamente, podemos ter essa ideia, mas o ideal, o gosto e o respeito pela Casa Real Portuguesa é Nacional.

Que recordações guarda do trabalho desenvolvido por muitos anos com a Selecção Nacional?

Com muito carinho, respeito e sentido de serviço e de missão cumprida. Deixei na Selecção Portuguesa de Futebol a minha marca na mudança das ementas e na forma como se encara hoje a alimentação dos jogadores, que era pouco levada em conta.

O meu trabalho no FCP durante três anos, a aprendizagem com Nutricionistas, entre eles o pai da nutrição em Portugal, o Professor Emidio Peres, fez com que conseguisse provar que uma boa alimentação é fundamental para um bom desempenho.

Recordo que, em 2004, a Selecção foi agraciada pela Presidência da Republica, mas também o foi pela Casa Real Portuguesa e aí todos com a mesma distinção, com a Medalha da Real Ordem da Nossa Senhora da Conceição de Vila Viçosa. Esse reconhecimento demonstrou bem que, para o Senhor Dom Duarte de Bragança, é tão importante o roupeiro como o presidente da FPF, que é o conjunto que faz a diferença e não são só alguns que fazem um grupo de trabalho, foi uma grande lição de como são tratados estes temas em Monarquia.

Nos países monárquicos que conhece acha que as Casas Reais tem assumido um papel importante na promoção das respectivas gastronomias?

Sem dúvida alguma, veja-se por exemplo o caso das

Casas Reais Norueguesa, Dinamarquesa e Sueca onde a gastronomia não tinha qualquer relevância e, sob o olhar atento das Casas Reais, passaram a ser motivo de demonstração dos seus produtos e da valorização do receituário e criação de novos. Também é importante a mensagem que passam, vejam o caso de Darren McGrady, ao revelar o que a Rainha Isabel comia diariamente contribuiu para uma melhoria colectiva, através do exemplo da frugalidade alimentar da monarca. Muitos Príncipes europeus, na sua maioria, para não dizer totalidade, passam mensagens de estilo de vida saudáveis e como nos devemos relacionar com a alimentação.

Quando fui distinguido pelo Estado Português com o Grau de Oficial da Ordem do Infante Dom Henrique recordo-me de lhe ter dito que só poderia aceitar e usar depois de o Chefe da Casa Real Portuguesa o permitir.

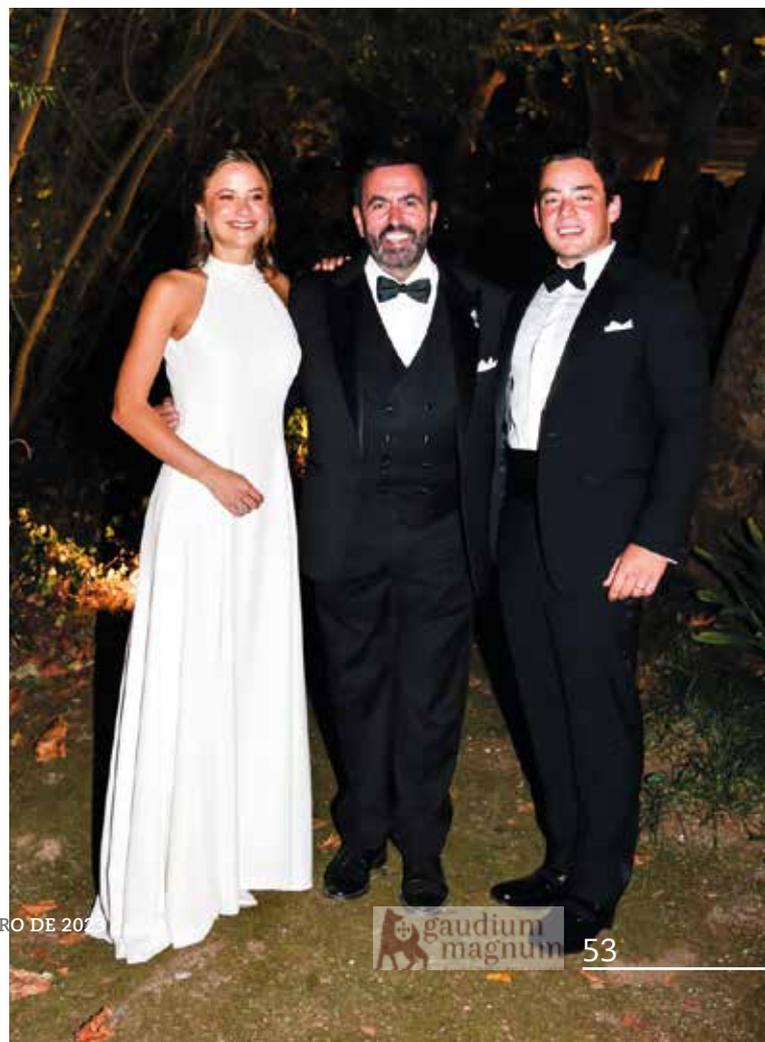
Qual gostaria que fosse o próximo evento da Família Real Portuguesa em que pudesse

participar?

Como monárquico espero um dia ver restaurado o Regime, daí que o evento Real que mais desejo e que gostava de tomar parte seria o da Coroação do Duque de Bragança. Até lá espero ver vários casamentos e, se Deus quiser, alguns baptizados.

O mais importante é, sobretudo, mantermos este espírito festivo e constante nos eventos das diferentes Reais Associações espalhadas pelo país. Que saibam e compreendam que ao valorizar as cozinhas das suas regiões estão a valorizar Portugal, na sua economia circular, nos seus costumes, nos seus valores de partilha.

Estou, como sempre, ao serviço e para servir seja qual for o pedido que me seja feito.



TRÊS CASAMENTOS

ANTÓNIO PINHEIRO

D. Manuel II e D. Augusta Vitória

No decurso do século XX, na Família Real Portuguesa foram celebrados três casamentos com especial significado nacional e dinástico. O do Rei D. Manuel II, já no exílio, e os dos Chefes da Casa Real Portuguesa, Senhores Dom Duarte Nuno e Dom Duarte Pio, respectivamente em 1942 e 1995.

D. Manuel II sucedeu na Coroa de Portugal no triste e trágico dia 1 de Fevereiro de 1908, aos dezoito anos de idade, num país em crise, com alterações políticas e sociais profundas, uma classe média em declínio e com condições de vida agravadas, uma

“ Não tendo tido evolução favorável a hipótese de um consórcio matrimonial com uma das princesas britânicas, veio a ser anunciado o casamento do Rei com uma princesa do ramo católico dos Hohenzollern

acentuada fragilização da nobreza e forte desgaste das forças políticas, facilitando a actuação dos líderes republicanos.

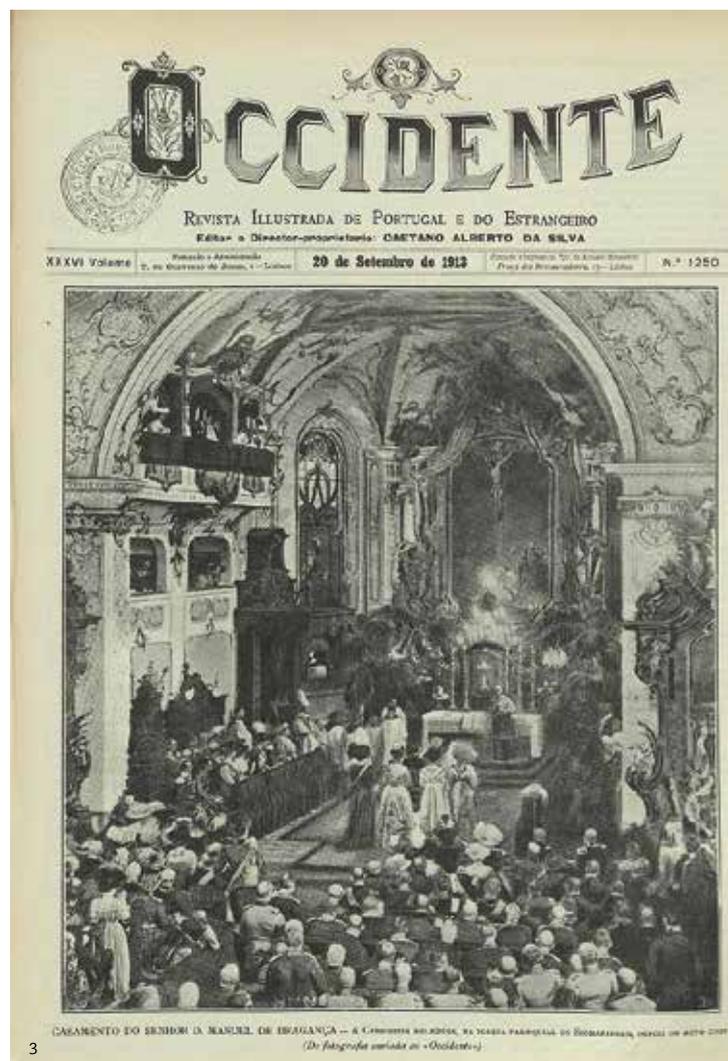


1



2

O desfecho, com o assassinato de D. Carlos I e do Príncipe Real D. Luís Filipe, deixou o país numa situação política muito confusa e incerta e a subida ao trono de um monarca jovem e bem-intencionado.



3

Preocupado com a situação política e social, o Rei procurou informar-se sobre as reformas que seriam necessárias e tentou uma aproximação ao partido socialista. Porém, a instabilidade política aumentou e a república chegaria a 5 de Outubro por via revolucionária. O Rei e a Família Real embarcaram na Ericeira, acabando por rumar a Gibraltar, em vez de seguirem para o norte, e dali para Inglaterra. D. Manuel II estabeleceu residência em Fulwell Park, em Twickenham.

1. Casamento de D. Manuel II com a Princesa Augusta Vitória, na fotografia com o Príncipe de Gales e a Rainha D. Amélia.
2. Cortejo Nupcial
3. Fotografia panorâmica da cerimónia nupcial na Igreja Paroquial de Sigmaringen publicada na capa da revista Ocidente de 20 de Setembro de 1913

REAIS EM REPÚBLICA

MARQUES

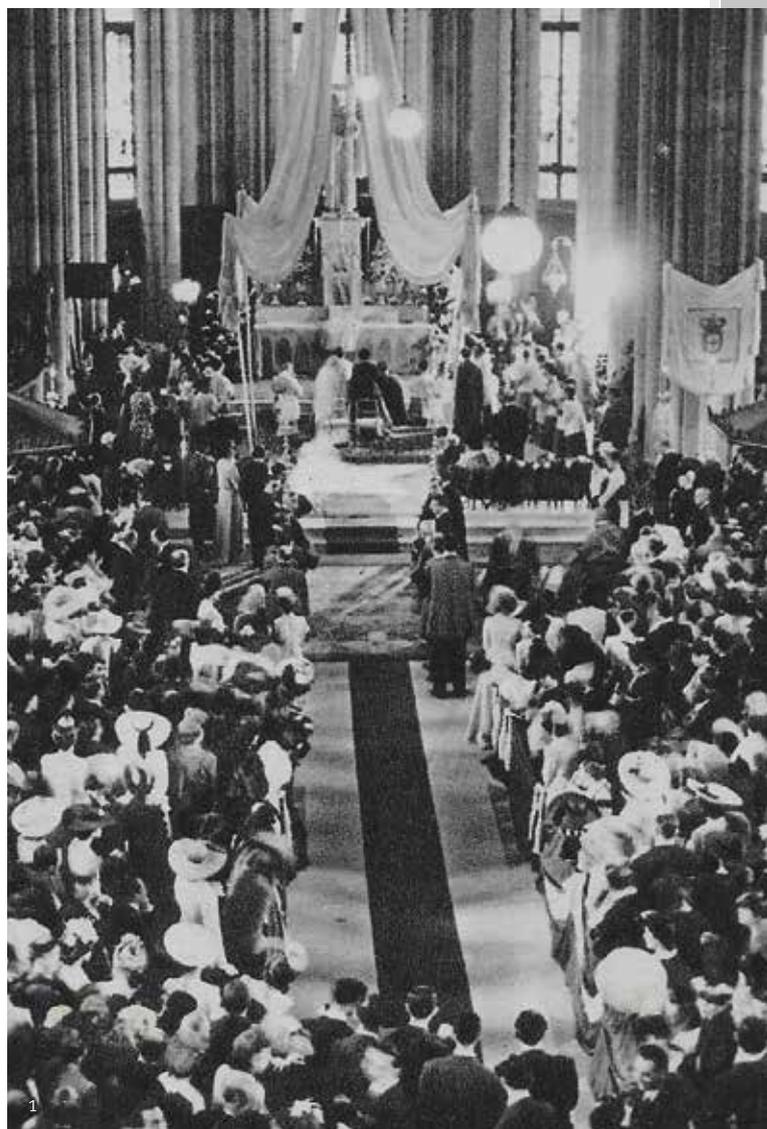
No exílio, punha-se a questão do seu casamento. Não tendo tido evolução favorável a hipótese de um consórcio matrimonial com uma das princesas britânicas (a questão da religião não teria sido inultrapassável, como se vira no caso de Afonso XIII, mas este estava no trono à data do casamento, em 1906), veio a ser anunciado o casamento do Rei com uma princesa do ramo católico dos Hohenzollern, bisneta de D. Maria II, tal como D. Manuel.

O casamento foi celebrado, a 4 de Setembro de 1913, pelo também exilado Cardeal D. José Neto, que fora Patriarca de Lisboa, com a presença tanto da Rainha D. Amélia como do Duque do Porto, Infante D. Afonso, bem como dos seus tios e primos, os Duques de Orleães, de Aosta, de Guise e de Montpensier, mas também dos Príncipes de Bourbon das Duas Sicílias, e dos numerosos Príncipes de Hohenzollern, incluindo os do ramo então reinante na Roménia. De destacar igualmente a presença do Príncipe de Gales, filho do Rei Jorge V, futuro Eduardo VIII, e de muitos portugueses leais ao seu Rei, entre os quais representantes da nobreza. O enlace matrimonial, em tempos de instabilidade política (de 5 de outubro de 1910 a setembro de 1913, Portugal tivera quatro chefes de governo) reavivou a esperança no futuro da dinastia. No entanto o casal não teria descendência e foram estabelecidos contactos com o outro ramo exilado dos Bragança, numa tentativa de resolver a questão dinástica, com os pactos de Dover, já em 1912 e de Paris, em 1922.

D. Duarte Nuno e D. Maria Francisca

O Senhor D. Duarte Nuno, chefe do seu ramo dinástico desde 1920, e como tal considerado Rei de direito pelos fiéis da Legitimidade, foi, à morte de D. Manuel II em 1932, reconhecido como sucessor deste. Dez anos depois era anunciado o seu casamento com a Princesa D. Maria Francisca de Orléans e Bragança, trineta do Imperador D. Pedro I, também Rei de Portugal, que veio a realizar-se a 15 de Outubro desse ano, em Petrópolis, sendo presidido pelo Bispo de Niterói, na presença do Núncio Apostólico. O casamento civil fora celebrado dois dias antes na Embaixada de Portugal no Rio de Janeiro.

D. Lourenço Vaz de Almada, 6º conde de Almada, descreveu minuciosamente o ambiente social e político da época, bem como os preparativos e o casamento no seu livro “Notas sobre a Viagem de Sua Alteza Real o Senhor Duque de Bragança



1. Início da cerimónia nupcial na Catedral de Petrópolis

2. SS AA RR os Senhores Duques de Bragança atravessam a ponte do aeroporto de Cabo Ruivo ao desembarcarem em Lisboa

Fotografias retiradas do livro “Notas sobre a viagem de Sua Alteza Real o Senhor Duque de Bragança ao Brasil em 1942”

ao Brasil em 1942”, publicado no ano seguinte. Devido à guerra, os padrinhos dos noivos, o Conde de Barcelona e o Conde de Paris, não puderam deslocar-se ao Brasil. Ainda assim, o significativo enlace destes dois Príncipes foi celebrado com todo o brilho, com a presença de membros da nobreza portuguesa, além do conde de Almada, que representou o padrinho D. Juan de Borbón, também a madrinha, Rainha D. Amélia, se fez representar. Entre muitos outros, estiveram presentes os condes de Pombeiro e de Castro e também representantes do Presidente e do Governo do Brasil, bem como Embaixadores acreditados no Rio de Janeiro.

Entendido como um reforço das ligações fortes entre os dois ramos da Casa de Bragança, à data já não reinantes em Portugal e no Brasil,

“ O ano de 1995 ficou na memória de muitos como o do primeiro casamento real em Portugal desde 1886. Foi ocasião de comemoração e júbilo nacionais, tendo o enlace matrimonial de Sua Alteza Real o Senhor Duque de Bragança com D. Isabel de Herédia sido celebrado a 13 de Maio de 1995.

o casamento ficou como mais um símbolo da amizade profunda entre os dois países e teve imediato reconhecimento no Brasil por decisão do Presidente Getúlio Vargas.

D. Duarte e D. Isabel de Bragança



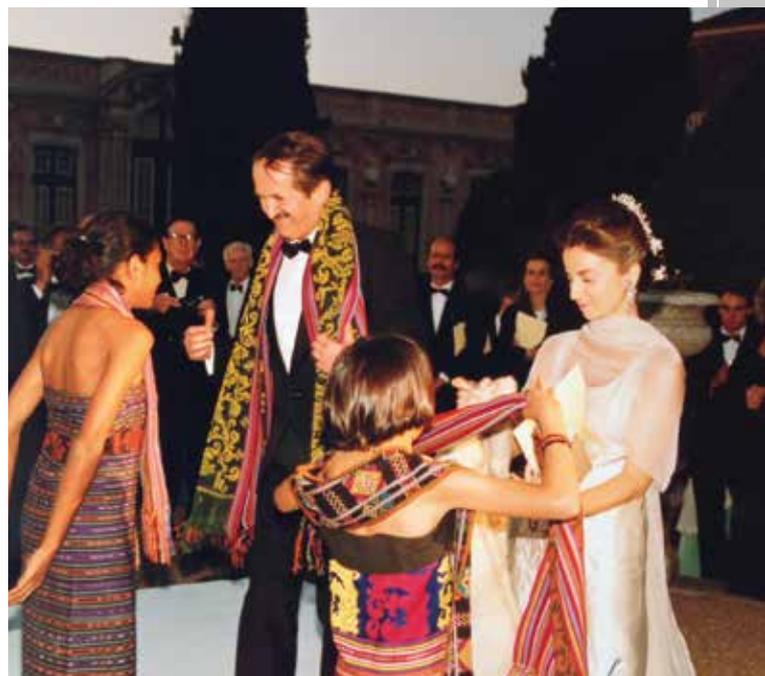


O ano de 1995 ficou na memória de muitos como o do primeiro casamento real em Portugal desde 1886. Foi ocasião de comemoração e júbilo nacionais, tendo o enlace matrimonial de Sua Alteza Real o Senhor Duque de Bragança com D. Isabel de Herédia sido celebrado a 13 de Maio de 1995. Na véspera, teve lugar um jantar no Palácio de Queluz, com a presença de mais de trezentos convidados, entre familiares e representantes de famílias reais europeias e figuras de destaque da vida política, cultural e social do nosso país. O Ministro dos Negócios Estrangeiros esteve presente.

No dia seguinte, o casamento, na igreja do Mosteiro dos Jerónimos, foi presidido pelo então Cardeal-Patriarca de Lisboa, D. António Ribeiro, na presença de mais de dois mil convidados, para além de uma enorme assistência no exterior. Marcando a importância do acto e o apreço pelo Senhor Dom Duarte, estiveram presentes o Chefe do Estado, o Presidente do Parlamento e o Chefe do Governo, um numeroso grupo de embaixadores em Lisboa, bem como representantes de instituições e causas patrocinadas pelo Duque de Bragança, entre os quais a delegação de timorenses, gratos pelo enorme e persistente apoio que teve momento alto na campanha “Timor 87 Vamos Ajudar”.

Estes três casamentos cheios de significado – esperança, no caso de Dom Manuel II; aliança e reconciliação, no de Dom Duarte Nuno; e de júbilo nacional, no de Dom Duarte Pio – podem ser vistos como elementos da ligação afectiva profunda que a Nação mantém com os representantes da sua História e da sua perenidade.

Fotografias de António Homem Cardoso



Campanha Festa Popular em Mafra

A campanha de angariação de fundos para a Real Associação de Lisboa organizar a festa popular no Terreiro fronteiro à Real Basílica de Mafra reuniu mais de uma centena de donativos tendo totalizado oito mil euros. Foi graças à generosidade dos nossos associados que foi possível à Real Associação de Lisboa fazer frente a toda a exigente logística dessa operação, preencher e embelezar aquele espaço de modo a aproximar o acontecimento dos milhares de populares que ali acorreram e dos que a testemunharam pela televisão.

Além do apoio da Central de Cervejas, da Padaria Pão Real, da Caixa de Crédito Agrícola Mútuo de Mafra, e dos muitos generosos voluntários envolvidos, a organização do evento de rua, envolvendo mais 600 participantes nos ranchos folclóricos e de outras organizações culturais do país inteiro, só foi possível graças à bondade dos seguintes doadores:

Abílio Garcia dos Santos
 Adriano Milho Cordeiro
 Agostinho Dias Pires Carmona
 Aline e Thomas Hall de Beuvink
 Ana Margarida Silva Léon
 António Augusto Clemente Ramos
 António da Conceição Manoel
 António da Cunha Vale e Azevedo
 António de Sousa Prates
 António Gabriel Pereira dos Santos
 António Guilherme Pires
 António Jorge Albuquerque Gaspar
 António José de Sousa Borges
 António José Palma de Figueiredo
 António Manuel Gomes de Moura
 António Mattos e Silva
 Augusto Abílio Trindade Rodrigues
 Bento de Morais Sarmento
 Bernardo Sousa de Macedo
 Bruno Miguel Silva Freitas
 Carel Jacob Heringa
 Carlos Alexandre Lancastrre Bobone

Carlos Augusto Costa Correia
 Carlos Manuel Antolin Teixeira
 Duarte Sales Jardim
 Ema Pereira Roque
 Emanuel Castro Almeida
 Eunice da Silva Andrade
 Filipe de Portugal Teixeira de Sousa
 Francisco de Bragança Van Uden
 Francisco Sousa Machado
 Guilherme Botelho da Costa
 Gustavo Pessoa Pinto
 Henrique Ramos Dacosta
 Inês Dentinho Van Uden
 Isabel Fontoura Santos Bento
 Isabel Maria Oliveira Robalo
 Isabel Maria Sousa Pearson
 João Carlos G. de Miranda
 João Carlos Cocco Bandeira Costa
 João Duarte Patrício
 João Francisco Martins Madruga
 João Gonçalo Gomes Rainho
 João José Mascarenhas Cerejeiro
 João Maria Ornelas do Rego
 João Miguel Aires de Campos
 João Paulo Dias Ferreira
 João Távora
 João Vacas
 Joaquim Costa Nora
 Joaquim Manuel Biancard Cruz
 Jorge Manuel Rico Dias
 Jorge Paiva de Serpa Pimentel
 Jorge Rocha Antunes
 José António Lopes Ricardo
 José António Rocha e Abreu
 José Carlos Mateus
 José Carlos Soares Machado
 José Filipe Baptista Grifo
 José Manuel Araújo
 José Manuel Barata Feio
 José Manuel Castro dos Santos
 José Manuel Ferreira de Paiva
 José Manuel Sardiña de Barros
 José Maria da Veiga Ventura
 José Maria Leotte do Rego
 Lady Anabela de Resende
 Lia Pereira
 Lino Gouveia de Albuquerque
 Luis Burmester Martins
 Luis Eduardo Mendia de Castro
 Luis Jorge Quelhas Duarte
 Luis Manuel Furtado Mendonça

Luis Manuel Ornelas do Rego
 Luis Pedro Varela
 Luís Vasconcelos Salgado
 Manuel Gregório Lopes da Silva
 Marco Silva
 Maria de Sampaio Rocha
 Maria Adelaide Branco Xavier
 Maria Beatriz Castelo Branco
 Maria da Conceição Fernandes da Silva
 Maria do Carmo Pinheiro Torres
 Maria Irene Monteiro
 Maria Helena Barros
 Maria Helena Fragoso Mattos
 Maria Inês Dentinho
 Maria Isabel Madeira Outeiro
 Maria Manuela Morgado Martins
 Maria da Nazaré dos Santos Silva
 Maria Rita Barahona Nuncio
 Maria Tereza Miranda Seródio
 Mário Jara Carvalho
 Matilde Sousa Franco
 Miguel Amorim
 Miguel Ângelo Perez
 Miguel Botelho de Castelo Branco
 Miguel Deslandes de Melo Castro
 Miguel Inácio de Bragança Van Uden
 Nuno Patuleia
 Olindo Augusto Iglésias
 Orlando Neves Azevedo
 Paulo José da Silva Rio
 Pedro Alfaro Velez
 Pedro Amaro
 Pedro Jacques de Sousa
 Rogério Paulo dos Santos Filipe
 Rui de Sousa
 Sadik Salimo Jacal
 Sérgio Augusto Araújo
 Tiago Rebelo de Andrade
 Vasco Figueiredo Silva Teles
 Vasco Fragoso de Bettencourt
 Vasco Pastor Fernandes

Agradecimentos

EST.  1980

PÃO REAL®

— PADARIA ARTESANAL —



FUNDAÇÃO LUSO

EM NOME DA ÁGUA



Fotos dos presentes oferecidos aos noivos pela Causa Real bem como pelas seguintes entidades e individualidades: Real Associação de Braga; Real Associação da Ilha de São Miguel; Real Associação da Ilha Terceira; Real Associação de Trás-os-Montes e Alto Douro; Aline Gallasch Hall de Beuvinck; António

Filipe Pimentel; António Souza-Cardoso; Bento Morais Sarmento; Edgar Valles; Hélio Loureiro; João Saldanha Oliveira e Sousa; Joaquim Costa e Nora; José Carlos Cortez de Lobão; José Manuel Bívar Cornélio Silva; Júlio Reis Silva; Leonor Martins de Carvalho; Luciana Paredes; Luís da Cunha Teixeira e Melo; Luís Guilherme Marques da Fonseca; Maria Manuela Aguiar; Maria José Freire de Andrade; Miguel Ribeiro

Telles; Mónica Rodrigues; Nuno Pinto de Magalhães; Paulo Correia Alves; Pedro Felner; Rodrigo Moita de Deus; Teresa Corte-Real.

Entre as ofertas, emblemas de tradição e modernidade artísticas portuguesas, incluem-se trabalhos de joalheria da autoria de Maria João Bahia (colar trepadeira) e de Maria Luísa Martin (conjunto gargantilha e brincos; botões de punho com monograma heráldico).



Muitos jovens participaram nesta grande festa que uniu, como é próprio das monarquias, gerações de norte a sul do país. Um casamento jovem que provou a vitalidade dos princípios que a nossa Família Real representa.

A vitalidade do Movimento, atestado assim de um futuro firme.

Os Duques de Coimbra são um exemplo para tantos jovens que têm sido obrigados a deixar a vida familiar para segundo lugar. Exemplo de que servir e constituir família não se excluem, antes se complementam.

O corte do bolo no terreiro mais que uma prova de que Portugal tem o privilégio de ter uma verdadeira "Princesa do século XXI", foi uma outra aliança que se renovou. Um compromisso da parte do casal a um serviço próximo, atento e dedicado aos portugueses.

Um casamento único, uma aliança que se renovou com Portugal, mas sempre um matrimónio. Um laço perante a Verdade. Num país que tem por Rainha Nossa Senhora a zelar por Portugal com amoroso olhar soberano e agora o casal, desde o pedido ao sacramento e pela vida da família que perante Ela começaram.

Fica agora o convite a todos para pensarem e escreverem um futuro para Portugal.

Sebastião Sá Marques



REAL ASSOCIAÇÃO DO PORTO

A Real Associação do Porto (RAP) associou-se ao Casamento de SA a

Infanta Dona Maria Francisca com Duarte Araújo Martins muito antes do evento, que aconteceu em 7 de Outubro.

A expectativa e a ansiedade de tudo acompanhar era grande, a alegria do momento que se avizinhava já se pressentia e a felicidade dos Monárquicos do Porto era manifesta. Passavam já 28 anos sobre o Casamento Real de SS AA RR os Senhores Duques de Bragança e 23 anos sobre o último evento Real que foi o baptizado de SA o Infante Dom Dinis, Duque do Porto, exactamente na nossa cidade do Porto.

Por estas razões, foram os Noivos convidados a vir ao Porto a um jantar de apresentação de cumprimentos e desejo de felicidades, o que fizeram

alegria, comunicaram com todos os presentes e com estes se fotografaram, e transmitiram a satisfação por tão bem serem aqui recebidos.

Voltarão seguramente! Não só por outras circunstâncias que surjam, mas também porque, no quadro dos projectos da Associação Real Social Cultura e Desporto (ARSCD), da qual a RAP é Sócia Honorária, decorre o Prémio Infanta Dona Maria Francisca de Bragança destinado a premiar estudantes da Faculdade de Belas Artes, o que acontecerá, de novo, em breve.

Outras formas de associação ao Casamento centraram-se em dois outros aspectos. Designadamente no presente que um conjunto de Associados da RAP teve o gosto de oferecer aos Noivos e na participação tida na animação do Terreiro D. João V no dia

7 de Outubro. Por um lado, oferecendo a SA a Infanta Dona Maria Francisca e a Duarte Araújo Martins produtos que são referências da marca Porto: Vinho de Porto Vintage de anos simbólicos como o do nascimento da própria Infanta e o do Casamento, e um conjunto de copos e decanter, tudo de cristal e com as Armas de ambos gravadas, peças assinadas pelo Arquitecto de renome mundial, Álvaro Siza, uma identidade da nossa região. Por outro lado, participando na festa com actuações da Banda de Música dos Mineiros do Pejão e da Associação dos Antigos Orfeonistas da Universidade do Porto, entidades às quais aqui publicamente se agradece.

Desejam-se as maiores felicidades a SA a Infanta Dona Maria Francisca e a Duarte Araújo Martins nesta sua nova vida em comum, e saúda-se a Família Real pelo sinal de

continuidade que nos dá.

Vivam os Noivos! Viva a Família Real! Viva o Rei!



com uma tal disponibilidade que se sublinha e agradece.

Assim, no dia 8 de Setembro de 2023, juntou-se um conjunto de 100 Associados e Simpatizantes da RAP, num convívio com SA a Infanta Dona Maria Francisca e com Duarte Araújo Martins, que na sua forma muito particular de serem irradiaram



REAL ASSOCIAÇÃO DE BRAGA

A Infanta de Portugal, a mais linda noiva do Minho de 2023.

O casamento da nossa Infanta, a Senhora Dona Maria Francisca de Bragança, com o Senhor Duarte Araújo Martins, foi um dos momentos mais encantadores que todos nós, monárquicos, vivemos nos últimos anos. Lembrou-se ao povo português, que tem uma Família Real que é presente, digna e empenhada no seu compromisso com Portugal.

A festa do casamento começou em São Pedro de Sintra, que acolheu

o arraial que antecedeu a boda de Sábado, a Infanta vestiu um belíssimo traje de noiva do Minho, que muito honrou e encheu de orgulho a nós, minhotos.

O impacto da cerimónia no público em geral foi na dimensão que se retrata:

A transmissão do casamento pela TVI no dia 07/10, foi a emissão mais vista de toda a televisão portuguesa, com 9% de audiência média e 26,8% de share, chegando a ter uma vantagem de mais de 20 pontos percentuais face à concorrência.

A página oficial da Causa Real no Facebook foi, no dia 07/10, visualizada

por mais de 300.000 pessoas.

A TV Monarquia Portuguesa, numa só publicação sobre o casamento, obteve 1 milhão e quinhentas mil visualizações.

Usando as palavras de um associado da Real Associação de Braga e fazendo nossas as suas palavras, Senhora Dona Maria Francisca “Sede luz com esse sorriso para que possais iluminar o mundo. Mafra hoje estava iluminada por vós.”

Os corpos sociais da Real Associação de Braga, os seus associados e simpatizantes, desejam as maiores felicidades ao jovem casal.



REAL ASSOCIAÇÃO DE VISEU

O casamento da Infanta Dona Maria Francisca, um belo e feliz dia em Portugal

O casamento de Sua Alteza a Infanta Dona Maria Francisca com o Senhor Doutor Duarte de Sousa Martins foi entusiasticamente assistido por milhares de pessoas na bonita Vila de Mafra e por muitas outras centenas de milhares através da transmissão em directo de uma cadeia televisiva.

Foi um verdadeiro acontecimento nacional, amplamente falado nos diversos meios de comunicação social.

O interesse que despertou no nosso País foi indiscutível. A justificação mais ouvida, para tal atenção, era a do presumido apego popular pelos contos de fadas e pelas vidas cor-de-rosa de Príncipes e Princesas.

Nada de mais errado. O povo não tem o carácter infantil nem fútil que lhe querem pôr.

Em defesa desta minha afirmação, recuarei no tempo e na minha memória para descrever dois dos muitos momentos que tive o grato prazer de vivenciar.

Há mais de 20 anos, estava internada no Hospital de Viseu, gravemente doente, uma santa freira por quem os Senhores Duques de Bragança tinham grande amizade. Era uma senhora verdadeiramente

santa, de grande humildade, que estimava muito o Casal Real, tratando carinhosamente por Duartinho e Isabelinha. Tendo-me o Senhor Dom Duarte anunciado que iria visitar a referida Senhora, logo me disponibilizei para acompanhar. Percebendo que a intenção era a de ser uma visita discreta, não fiz nenhum contacto institucional. Suas Altezas chegaram à entrada do hospital, onde eu aguardava, tendo a Senhora Dona Isabel e os pequenos Infantes descido do automóvel que o próprio Senhor Dom Duarte conduzia. No hall da entrada, acumulava-se uma pequena multidão, que, aguardando a hora da visita aos doentes, disputava a entrada nos elevadores. Suas Altezas posicionaram-se discretamente no lugar final da fila, mas não tardou a serem reconhecidos, pelo que de imediato a multidão abriu alas, dizendo “Os Senhores Duques e os Meninos! Façam o favor de ir para a frente”. Apesar de inicialmente recusarem tão simpática oferta, a insistência e a boa vontade eram tais, que aceitaram reconhecidos. Por todo o lado a simpatia e o carinho das pessoas foi manifesto.

Mais recentemente, quando a Real de Viseu organizou a ida de S. A. R. o Príncipe da Beira ao Santuário da Lapa, para ser consagrado à Senhora da Lapa, cumprindo-se uma tradição de séculos, estando eu a ajudar na colocação de uns cartazes anunciando o evento, produzidos pela Câmara de Sernancelhe, ouvi das pessoas locais: “Olha vem cá o Príncipe!”. “Qual

príncipe?”, perguntavam outros, “o de Espanha?”. “Não! Qual quê? Nós também temos Príncipe”. “Ah! Pois é!”, afirmavam com orgulho.

Muitos outros episódios poderia relatar. Por todo o lado o sentimento popular é comum. As pessoas revêem-se nos mesmos princípios e valores, no modelo de família. Reconhecem na Família Real um sentido de identidade nacional, um factor de união, sentindo-se representados por ela e dela tendo um sentimento de pertença, que ostentam com orgulho.

A espontaneidade com que viveram alegremente o Casamento da Infanta Dona Maria Francisca, foi prova dessa ligação sentimental.

Junto-me, com a Real Associação de Viseu e com todos os Portugueses (sem dúvida a sua maior parte) ao voto de muitas felicidades para o novo Casal. Vivam a Infanta Dona Maria Francisca e o Senhor Dr Duarte de Sousa Araújo Martins! Viva toda a Família Real Portuguesa!

Álvaro de Meneses

Daqui e Dali

“Independentemente da arquitectura da «forma de Estado» vigente em Portugal, mais ainda nestes tempos de atomização social e perda de influência das estruturas tradicionais, agregadoras da «nação cultural», é urgente que o espectro político moderado valorize e acarinie a Casa Real Portuguesa.”

João Távora



REAL ASSOCIAÇÃO
DEVIANA DO CASTELO

**A Infanta Dona
Maria Francisca De
Bragança, Noiva Do
Minho**

Na véspera do seu casamento, no dia 6 de Outubro, a Infanta D. Maria Francisca, surpreendeu os convidados para o arraial, realizado à noite, nos jardins da casa dos seus pais, em Sintra, aparecendo na festa vestida com o traje de noiva de Viana.

Para a Infanta fazia todo o sentido usar este traje, por honrar as suas memórias de infância, dado que desde muito jovem vinha muitas vezes a Ponte de Lima, tendo em Setembro de 2022 participado no Cortejo Etnográfico das “Feiras Novas”, juntamente com o seu irmão D. Afonso de Santa Maria.

A Real Associação de Viana do Castelo, tendo conhecimento de que a Infanta gostaria de usar na véspera do seu casamento um traje regional de Viana, não podia ficar indiferente a este desejo e encomendou à MARSOG, Unidade produtiva artesanal reconhecida (carta 121395), localizada em Santa Marta de Portuzelo, empresa cuja designação social é o nome completo da própria fundadora e artesã (Maria Augusta Ribeiro Sousa Oliveira Gil) o Traje de Noiva do Minho.

O traje é composto por uma casaca em tecido brocado preto, ajustada ao corpo, fazendo uma pequena aba na cintura, decorada com bordado rico, feito à mão, a fio de algodão e com vidrilho luar (brilhante), ornamentada em galões e fita de cetim plissada, também em preto, com renda branca nos punhos e na gola; uma saia comprida, do mesmo tecido, com 3 metros de roda, com pinças, em cetim, em redor da cintura (para adelgaçar a figura), com larga barra de veludo luxuosamente bordada, à mão, ornamentada com galões assedados e vidrilho luar, ornamentada com aplicação de

fita e tira de cetim pregueada; tiara em veludo, bordada à mão, a linha de algodão e vidrilho luar, que segura o véu branco; avental de veludo preto, decorado com bordado rico, à mão, a fio de algodão e vidrilho luar, com as armas da Infanta Dona Francisca de Bragança ao centro e coroa ducal (por ser Duquesa de Coimbra) enquadrado por motivos florais, possuindo um folho pregueado de seda preta e galões de seda da mesma cor; com uma algeira em forma de coração estilizado, bordada com fio de algodão e vidrilho luar, entre o avental e a saia.

Completa o traje um saiote com renda alta, de bico (para vestir por baixo da saia), as meias brancas, rendadas e as chinelas de camurça pretas, bordadas com vidrilhos luar.

Para a noiva levar na mão, a segurar o ramo de flores, foi feito um lenço de amor, em linho, bordado à mão, em ponto cruz, bordeaux, contendo motivos florais, a data do casamento (7-10-2023), o monograma dos noivos e a quadra^[1] :

«Foi ao livro do destino,
minha sina procurar,
só lá encontrei escrito
que nasci para te amar»,

e rematado com uma renda de crochet, igualmente feito à mão.

Entretanto, a Real Associação de Viana do Castelo informou o Município de Viana do Castelo do desejo de D. Francisca de Bragança de homenagear o Minho, vestindo o traje de noiva de Viana, e a autarquia, numa perspectiva da promoção do território e do património cultural bem como dos usos e costumes do Minho (o traje regional de noiva de Viana é único no país), ofereceu à Infanta o traje de noiva que a Real Associação tinha mandado fazer.

A nossa associação ofereceu uma peça tradicional do ouro de Viana (os brincos à Rainha) que a Infanta D. Francisca usou juntamente com o traje de noiva naquele arraial.

^[1] Estas quadras costumam ter erros ortográficos pois reproduzem o modo como as pessoas falavam.



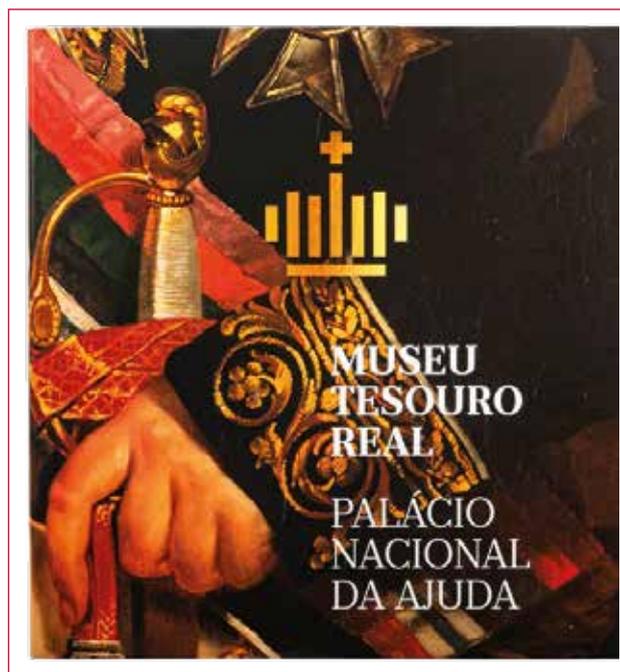
Título: *Museu Tesouro Real*
Coordenação: João Carlos dos Santos, José Alberto Ribeiro e Pedro Moreira
Design: Francisco Providência
Edição: Imprensa Nacional
Páginas: 341pp

«Brilho oculto»: um tesouro enfim redescoberto

Com a reconstrução da ala poente do Palácio Nacional da Ajuda, em Lisboa, foi criado o Museu Tesouro Real, para exibição em permanência das jóias e pratas da Coroa Portuguesa, que tem neste pesadíssimo e excepcionalmente caro livro — 3,15 kg, porque o papel foi mesmo muito mal escolhido; 80€, em boa parte por causa da tiragem de apenas 1000 exemplares — o resgate indispensável, ainda que bastante tardio, e que só uma ampla historiografia de arte, a cargo de uma dúzia de autores, permite proporcionar, enquanto representação portuguesa de meio milénio de artes decorativas.

O director do Palácio Nacional da Ajuda, José Alberto Ribeiro, certamente ufano por ver concretizado um sonho antigo, idealizado por muitos mas sucessivamente frustrado, não hesita em declarar que a colecção construída pelos nossos monarcas «é única a nível internacional pela dimensão, raridade e qualidade»; a Baixela da Coroa, ou Baixela Germain, é nada menos que «o maior conjunto preservado no universo da ourivesaria francesa do século XVIII» (p. 10). Pelo seu lado, o director-geral do Património Cultural, João Carlos dos Santos, vem sublinhar a «fantástica colecção que agora se apresenta ao público, com uma visibilidade que não tinha e que se ambicionava há muito tempo» (p. 13) — o que, verdade seja dita, só foi conseguido graças à cobrança da dita «taxa turística» e respectivo açambarcamento. Palavras protocolares, sem dúvida, mas que deixam claramente dito que estamos perante *um novo facto histórico na museografia portuguesa*, não apenas pela criação de um novo museu nacional, construído de raiz, como não sucedia há muito tempo, mas sobretudo pela exibição permanente — e, aliás, altamente qualificada quer em design expositivo quer no mais moderno vitrinismo de alta segurança — de um património agora protegido e salvaguardado em condições adequadas, como nunca antes. Caso para dizer que os turistas com quem nos cruzamos amiúde bem merecem o nosso aceno de cabeça, em sinal de agradecimento. Eles podem não perceber porquê, mas nós temos a obrigação de o reconhecer!

Em quatro elucidativas páginas, que diria até dignas de integrarem uma antologia sobre esse tão digno ofício, o designer da museografia do Museu e deste livro Francisco Providência — um profissional bastante qualificado, nacional e internacionalmente reconhecido e premiado — dá-nos conta do desafiante processo de



expor esse espólio que conta «uma história feita de corpos, mais ou menos elegantes, dos dois géneros e sob diferentes idades, com vidas curtas e outras longas, que sacrificaram a sua privacidade em nome de Portugal», objectos que são, à sua maneira, «condensadores de riqueza, arte, poder e simbolismo, usados por aqueles monarcas condenados ao superior serviço público do Estado» (p. 14). Materiais tão diferentes como têxteis, madeira, gemas, ouro e prata, «e com variações de escala que vão do anel ao mobiliário e à pintura monumental», exigiu-lhe cuidadosa criação de estruturas expositivas e compartimentação de ambientes, «dotando-os de diferentes e adequadas condições de humidade, temperatura e iluminação», capazes de prevenir a sua conservação física, mas também a fruição de visitantes de todas as idades e condições, atendendo até «à cota de visão da criança e do adulto em cadeira de rodas» (ainda p. 14). Esta maturidade do design expositivo posta ao serviço

deste Museu tão pouco deve ser subestimada, pois faz parte dos enormes progressos

«São onze os núcleos expositivos do Museu Tesouro Real, e outros tantos os capítulos deste livro. Sobre cada tema, escrevem diferentes autores, referidos quase sempre a objectos concretos ou escolhidos»

nesta área em Portugal, como pude deixar expresso em críticas de imprensa a propósito de algumas grandes exposições da última década.

São onze os núcleos expositivos do Museu Tesouro Real, e outros tantos os capítulos deste livro, a saber: 1) Ouro e diamantes do Brasil; 2) Moedas e medalhas da Coroa; 3) Jóias; 4) Ordens honoríficas; 5) Insignias reais; 6) Prata de aparato da Coroa; 7) Colecções particulares (entenda-se: de membros da família real); 8) Ofertas diplomáticas; 9) Capela Real; 10) Mesa Real: a Baixela Germain; e 11) Viagens do Tesouro. Sobre cada tema, escrevem diferentes autores, referidos quase sempre a objectos concretos ou escolhidos, mas a Apresentação genérica do Museu — ou seja, da sua colecção — é assinada por cinco historiadores ou conservadores

do Palácio da Ajuda, que também nos referem que «as crónicas e os inúmeros inventários do património real constituem testemunhos coevos de extensas riquezas, infelizmente desaparecidas nas muitas vicissitudes que marcaram a história de Portugal» (p. 27). Importa ter isso em mente: «Sem recuarmos mais, podemos identificar o desastre de Alcácer-Quibir (1578), como um dos momentos de maior empobrecimento do Tesouro, logo seguido pelos 60 anos de união ibérica e consequentes guerras da Restauração (1640-68), financiadas, em parte, pelos tesouros da Coroa e da Casa de Bragança. Depois de um importante período de riqueza e reposição, a catástrofe [...] de 1755 engoliu, num dia, o Paço da Ribeira com 250 anos de história e grande parte das colecções reais. — O Rei D. José I, bem como a sua filha, a Rainha D. Maria I, conseguiram uma importante recuperação do acervo real, tendo, no entanto, este voltado a sofrer um revés de monta em 1794, aquando do incêndio do Paço de Madeira da Ajuda» (tb. p. 27). Outros desastres haveriam de ocorrer — «A guerra civil de 1828-34 fez temer pela integridade do Tesouro», escreve Rumsey Teixeira à p. 40 —, mas também foi possível alguma recuperação de património disperso, a título pessoal, a mais conhecida das quais «um relevantíssimo conjunto de peças de ourivesaria dos séculos XVI a XIX» (p. 28), pelos Reis D. Fernando II e D. Luís, a quem, de resto, Hugo Xavier dedica um artigo específico.

Nada disto seria possível ou explicável sem as minas brasileiras, de que Rui Galopim de Carvalho dá breve mas catedrática lição no capítulo «Ouro e diamantes do Brasil», antes de comentar o «Diamante Bragança», afinal um grande calhau rolado de água-marinha colhido em Minas Gerais na década de 1740, todavia aparentemente muito apreciado na Casa Real (pp. 48-49). A colecção de numismática da Coroa, em especial as moedas e as medalhas de ouro, muito deve também à colónia da América do Sul, havendo ainda alguns espécimes estrangeiros, como a belíssima «medalha comemorativa do nascimento do Príncipe José de Áustria» (ouro, Viena, 1741), reproduzida na p. 62. Mas é sobretudo nas jóias — especialmente quando transpostas e exibidas nos grandes retratos régios — que o esplendor do *Tesouro Real* ganha mais vivas cintilações,

com toda a sua larga e curiosa história de reconversões e reconfigurações de acordo com o gosto pessoal ou de cada época, sem esquecer o apreço pela joalheria

Resulta nítido o esforço de estudo das peças da colecção régia em todas as suas diferentes componentes artísticas, enfeixando neste contexto todo especial de abertura do Museu também os contributos de uma bibliografia produzida pelas novas gerações de historiadores da arte, associados à academia ou aos museus que temos.



tradicional portuguesa — tão cara, por exemplo, à Rainha D. Maria Pia (p. 78) —, as encomendas a conceituadas casas europeias da especialidade — como a caixa de rapé de D. José I, ou os botões AMOR e ROMA de Maria Pia — ou a admirável arte dos retratos em miniatura para medalhões e pulseiras.

Dos objectos de intimidade até aos pratos, bandejas e salvas utilizados nas cerimónias solenes há certamente um salto de escala e uso, mas há também uma mudança nos programas decorativos, civis e devocionais, desses luzidios objectos de aparato. Hugo Crespo estuda ao micropormenor «As dez salvas do Real Aparato e a ourivesaria do seu tempo», «o maior e

melhor — porque mais variado e de superior qualidade artística — conjunto de prataria civil portuguesa fino-quatrocentista e quinhentista em colecções públicas e particulares, nacional como internacionalmente» (p. 188), mas o maior espanto está-nos reservado para o par de bandejas com episódios bíblicos criadas c. 1700 por Georg Christoph Wieland — prata e prata dourada, 6 x 75 x 63 cm, 3,80 kg cada uma —, «até agora quase desconhecidas» (p. 202) e precedentes

do Palácio Nacional da Pena, em Sintra.

Resulta nítido o esforço de estudo das peças da colecção régia em todas as suas diferentes componentes artísticas, enfeixando neste contexto todo especial de abertura do Museu também os contributos de uma bibliografia produzida pelas novas gerações de historiadores da arte, associados à academia ou aos museus que temos. Maria do Carmo Rebello de Andrade, do MNAA, por exemplo, escreve sobre as origens da ourivesaria de tradição narrativa, onde velhas gravuras renascentistas surgem como

que transplantadas para relevos de salvas e gomis, o mesmo sucedendo com a representação visual de marcos históricos das conquistas e dos descobrimentos portugueses. O núcleo dedicado às Ofertas Diplomáticas põe em destaque as dádivas concedidas pelos Sumos Pontífices, porquanto, como lembra Teresa Leonor Vale, «as relações diplomáticas entre Portugal e a Santa Sé revestiram-se sempre da maior relevância», desde as faixas bentas até às extraordinárias Rosas de Ouro, sete ao longo dos séculos, de que o Museu exibe duas, as oferecidas às Rainhas D. Maria II (por Gregório XVI, em 1842) e D. Amélia (1892). A Capela Real — cujo primeiro regimento conhecido data de 1592, e cujo «luzimento» e apogeu indiscutíveis se deram no reinado de D. João V (1706-50) — também incorporou muitas alfaias litúrgicas produzidas por ourives e outros artistas romanos, como a lâmpada de prata ou a mitra preciosa (v. pp. 261, 263), mas a «jóia da Coroa» é, sem dúvida, a Baixela Germain, cujas quatro cobertas Inês Líbano Monteiro apresenta com grande pormenor, e João Silveira Ramos fotografou de modo exemplar, um trabalho assaz difícil, como se imagina, e pelo qual merece referência. Dois historiadores, Peter Fuhling e Michèle Bimbenet-Privat (uma conservadora do Musée du Louvre) esclarecem a extraordinária vida e obra dos ourives parisienses Thomas e François-Thomas Germain, e como a encomenda régia foi tão «excepcional» quanto a qualidade artística dos seus feitores: «o considerável conjunto, ímpar no mundo, encomendado em Paris pelo Rei D. José I de Portugal, em 1756, com o objectivo de repor a prataria do seu palácio, desaparecido com o terramoto de 1755» (p. 282), um ano antes. O Tesouro Real também faz a cronologia das viagens deste património, seja aquando da mudança da Corte para o Rio de Janeiro, em 1807, seja por efeito da guerra civil, que levou à dispersão e parcial recuperação de alguns conjuntos.

Essa mobilidade, forçada ou não, veio dar relevo a arcas e estojos, que trazem registo dos seus fabricantes franceses, ingleses mas também de Leitão & Irmão, joalheiros da Casa Real Portuguesa. Também eles estão expostos no Museu e foram objecto de cuidadoso restauro pelo Instituto José de Figueiredo, e é bom que o livro dedique algumas páginas a esta qualificada intervenção feita no país, tanto mais que se tratou, não apenas de uma «oportunidade única de interaccionar um tesouro que constitui a herança e a memória da Casa Real de Portugal», como possibilitou «informações relevantes sobre as técnicas e os materiais dos objectos, constituindo *uma mais-valia para o estudo das várias disciplinas artísticas*» (p. 325; *italico meu*). Até neste aspecto, a Monarquia Portuguesa — e o Tesouro Real — reverbera no nosso presente e futuro.

Vasco Rosa



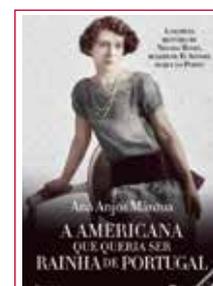
Uma Família Monárquica na Guerra da República: João e Manuel de Mello na Primeira Guerra Mundial. Memórias, correspondência e imprensa (1908-1918) de Livia Franco, Lisboa: Dom Quixote, 406 pp.



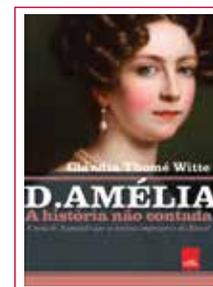
Diário de D. Eugénia de Mello Breyner da Câmara (1873-1878), apresentado por Carlos Bobone. Lisboa: Livraria Bizantina, 540 pp.



A Americana que Queria Ser Rainha de Portugal de Ana Anjos Mântua, Lisboa: Manuscrito, 256 pp.



D. Amélia: a História Não Contada. A neta de Napoleão que se tornou imperatriz do Brasil de Cláudia Thomé Witte, São Paulo: LeYa, 604 pp.



O Mar e a Civilização. Uma História Marítima do Mundo de Lincoln Paine, Coimbra: Edições 70, 926 pp.



A Família como foco dos nossos serviços.

MFO Multi-Family Office dedica-se a cada família como um bem precioso. Planeamos e gerimos de forma integrada os vários serviços necessários ao bem-estar da sua Família:

MFO Services: Consultoria, fiscalidade, planeamento e promoção de atos empresariais, governação familiar e serviços de suporte.

MFH Saúde: Prestação de serviços personalizados de natureza médica por corpo clínico próprio.

MFO Seguros: Apoio direto ao cliente na mediação de seguros, assegurando as melhores condições com as mais importantes seguradoras do mercado.

MFO Real Estate: Consultoria, gestão imobiliária, gestão de obras, montagem e gestão de projetos, peritagens, e avaliações de imóveis.

MFO Living: Apoio na integração de famílias em Portugal. Residência fiscal, habitação e apoio administrativo.

Junte o futuro da sua família ao nosso.

www.mfooffice.eu | geral@MFOoffice.eu
Rua Tierno Galvan, nº 10, Torre 3 | Piso 10 | Fração K
Amoreiras | 1070-274 Lisboa | Portugal
+ 351 211 389 398
MF Multi-Family Services, Lda. NIPC: 513704612



MFO | Multi Family Office

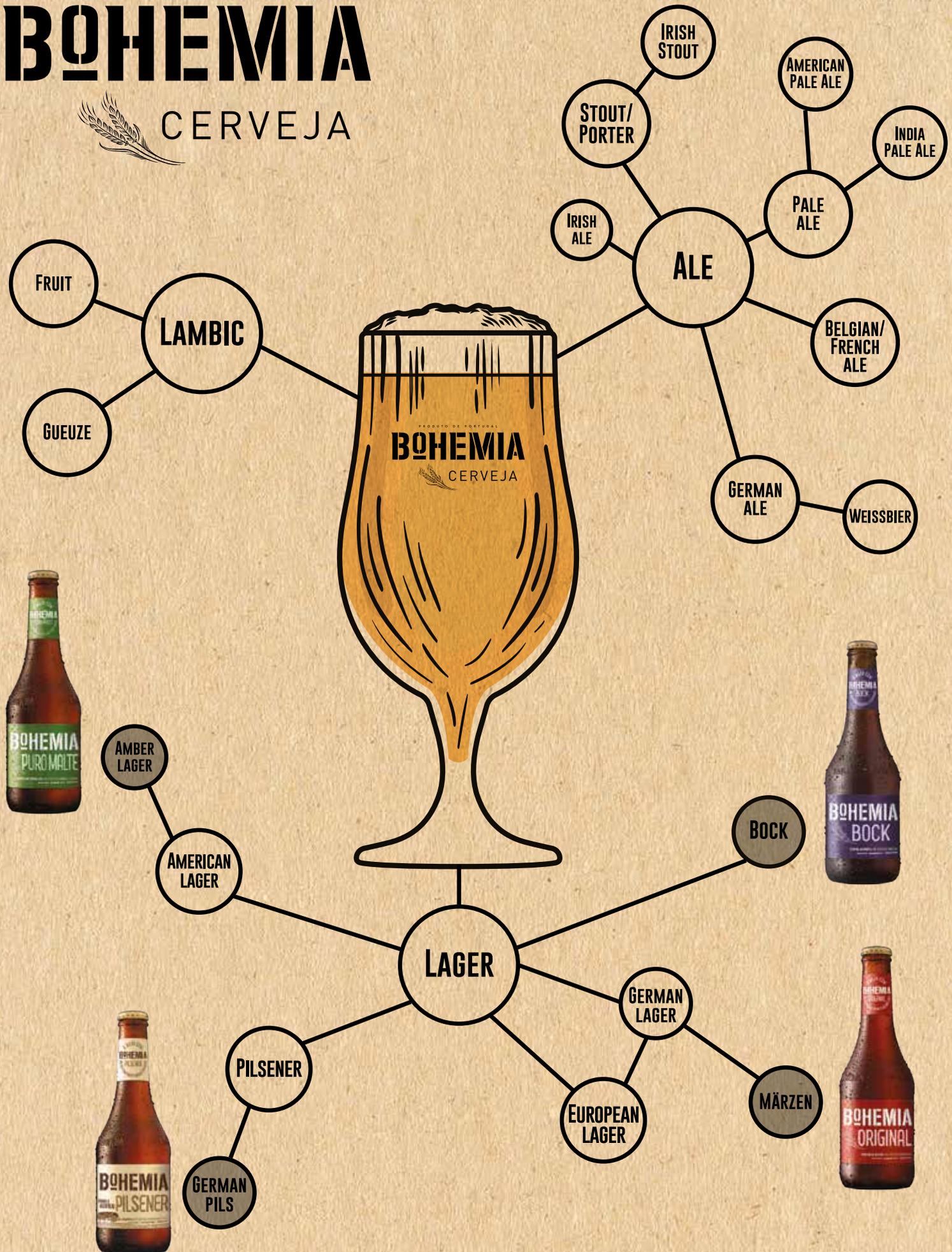
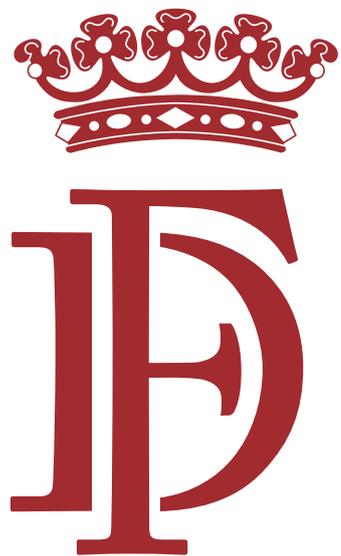


PRODUTO DE PORTUGAL

BOHEMIA



CERVEJA



SEJA RESPONSÁVEL. BEBA COM MODERAÇÃO.